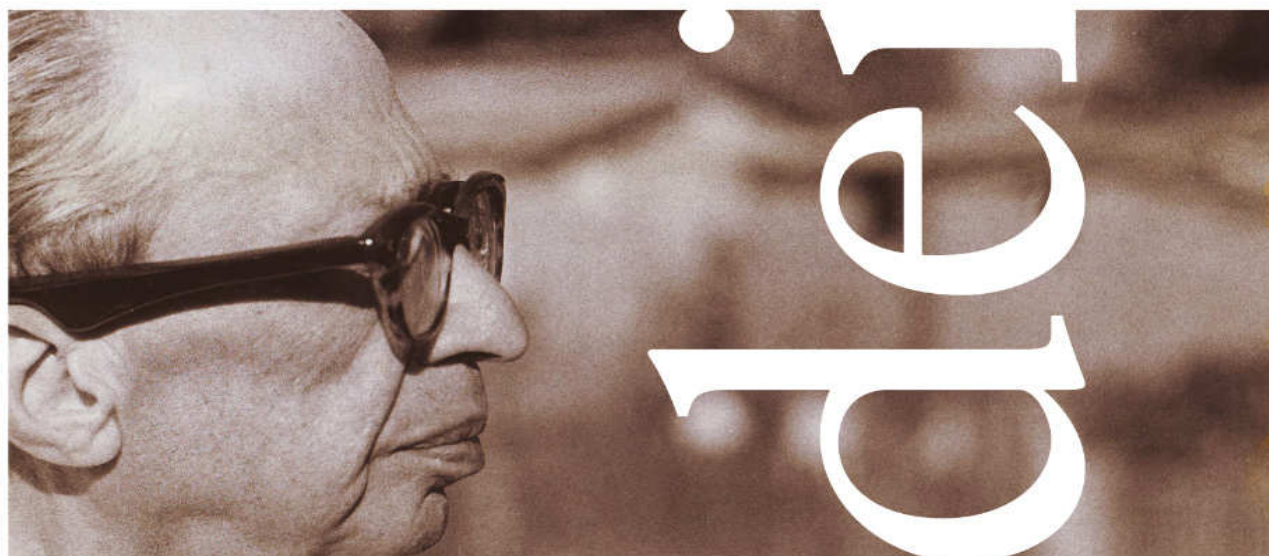




Bandeira

Bair

Manuel Bandeira Antologia **poética**

global
editora



Antologia poética

MANUEL BANDEIRA

Coordenação Editorial
ANDRÉ SEFFRIN

1ª edição digital

São Paulo
2020

global
editora



Manuel Bandeira

SUMÁRIO

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

A CINZA DAS HORAS

Epígrafe

Desencanto

A Camões

A Antônio Nobre

Versos escritos n'água

Chama e fumo

A canção de Maria

Cartas de meu avô

Poemeto irônico

Poemeto erótico

Ingênuo enleio

Boda espiritual

Desalento

Um sorriso

Desesperança

Renúncia

CARNAVAL

Bacanal

Os sapos

Vulgívaga

A rosa

Pierrot místico

Debussy

Pierrette

O descante de Arlequim

A Dama Branca

Hiato

Toante

Alumbramento

Sonho de uma terça-feira gorda

Poema de uma quarta-feira de cinzas

Epílogo

O RITMO DISSOLUTO

O silêncio

O menino doente

Balada de Santa Maria Egipciaca

Felicidade

Murmúrio d'água

Mar bravo

Carinho triste

Bélgica

Os sinos

Madrigal melancólico

A estrada

Meninos carvoeiros

Sob o céu todo estrelado

Noturno da Mosela

Gesso

Noite morta

Na Rua do Sabão

Berimbau

Balõesinhos

LIBERTINAGEM

Não sei dançar

O anjo da guarda

Pensão familiar

O cacto

Pneumotórax

Poética

Porquinho-da-índia

Mangue

Belém do Pará

Evocação do Recife

Poema tirado de uma notícia de jornal

Teresa

Lenda brasileira

A Virgem Maria

O major

Andorinha

Profundamente

Madrigal tão engraçadinho

Noturno da Parada Amorim

Noturno da Rua da Lapa

Irene no céu

Namorados

Vou-me embora pra Pasárgada

O impossível carinho

Poema de finados

O último poema

ESTRELA DA MANHÃ

Estrela da manhã

Canção das duas Índias

Poema do beco

Balada das três mulheres do sabonete Araxá

A filha do rei

Cantiga

Marinheiro triste

Boca de forno

Oração a Nossa Senhora da Boa Morte

Momento num café

Contrição

Sacha e o poeta

Jacqueline

D. Janaína

Trem de ferro

Tragédia brasileira

Rondó dos cavalinhos

Flores murchas

A estrela e o anjo

LIRA DOS CINQUENT'ANOS

Ouro Preto

O martelo

Maçã

Cossante

Cantar de amor

Versos de Natal

Soneto italiano

Soneto inglês nº 1

Soneto inglês nº 2

Água-forte

A morte absoluta

A estrela

Mozart no céu

Canção da Parada do Lucas

Canção do vento e da minha vida

Canção de muitas Marias

Rondó do capitão

Última canção do beco

Belo belo

Acalanto de John Talbot

Testamento

Gazal em louvor de Hafiz

Ubiquidade

Piscina

Peregrinação

Eu vi uma rosa

Velha chácara

Carta de brasão

BELO BELO

Brisa

Poema só para Jaime Ovalle

Escusa

Tema e voltas

Canto de Natal

Sextilhas românticas

Improviso

O homem e a morte

Letra para uma valsa romântica

No vosso e em meu coração

A Mário de Andrade ausente

O lutador

Belo belo

Neologismo

A realidade e a imagem

Poema para Santa Rosa

Resposta a Vinicius

Visita noturna

José Cláudio

O rio

Nova poética

Unidade

Arte de amar

As três Marias

Flor de todos os tempos

OPUS 10

Boi morto

Cotovia

Tema e variações

Elegia de verão

Natal sem sinos

Retrato

Noturno do Morro do Encanto

Os nomes

Consoada

Lua nova

Cântico dos cânticos

Oração para aviadores

ESTRELA DA TARDE

Acalanto

Satélite

Ovalle

A ninfa

Ad instar Delphini

Vita nuova

Versos para Joaquim

Variações sérias em forma de soneto

Embalo

A lua

Elegia de Londres

Mal sem mudança

Peregrinação

Antônia

Sonho branco

Verde-negro

Mascarada

Preparação para a morte

Canção para a minha morte

Flabela

A onda

Carlos Drummond de Andrade

Balada para Isabel

Primeira canção do beco

Irmã

Nu

Elegia para Rui Ribeiro Couto

O fauno

Poema do mais triste maio

Minha grande ternura

POEMAS TRADUZIDOS

Noturno

Dor

Oração

Torso arcaico de Apolo

Calefrio aquerôntico

O fatal

Em seu lugar

Acalanto para Deus Menino

Quatro haicais de Bashô

Metade da vida

Quatro sonetos de Elizabeth Barrett Browning

Canção

Tríade

Soneto

Branco

Epitáfio

Um poema de Chagall

MAFUÁ DO MALUNGO

Temístocles da Graça Aranha

Ana Margarida Maria

Verlaine

Elisa

Sílvia Amélia

Duas Marias

Francisca

Rosa Francisca Adelaide

Murilo Mendes

Teu nome

Eunice Veiga

Mag

Raquel

Helena Maria

A Guimarães Rosa

Edmée

Allinges

Oitava camoniana para Fernanda

Marisa

Saudação a Vinicius de Moraes

Autorretrato

“Casa-Grande & Senzala”

Carta-poema

Trova

A Afonso

A espada de ouro

Elegia de agosto

O obelisco

Cronologia

Bibliografia básica sobre Manuel Bandeira

Índice de primeiros versos

Sobre o autor

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

Esta é a sétima antologia que faço de meus poemas. A primeira foi editada em 1937 pela Civilização Brasileira sob o título *Poesias escolhidas*. A segunda, lançada em 1948 pelos Irmãos Pongetti, reproduzia a primeira, aumentada de poemas publicados entre aquelas duas datas. A terceira, organizei-a em 1958* para a coleção Cadernos de Cultura, publicação do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, trazia o título *50 poemas escolhidos pelo autor* e teve em 1959 uma segunda edição; nessa o critério adotado foi colher entre os meus poemas mais bem realizados os mais acessíveis ao leitor estrangeiro, pois eu desejava com ela retribuir a poetas de outras línguas a gentileza de me terem oferecido os seus livros. A quarta, a quinta e a sexta apareceram no mesmo ano de 1960, e intitularam-se, respectivamente, *Pasárgada*, edição de luxo, com ilustrações de Aldemir Martins, saída das oficinas da Sociedade dos Cem Bibliófilos, *Alumbramentos*, seleção de poemas de amor, editada em Salvador, Bahia, por Pedro Moacir Maia, e *Poèmes*, traduções para o francês, coleção Autour du Monde, editada em Paris por Pierre Seghers. Na organização de todas essas antologias ouvi indicações e conselhos de meu fiel amigo Otto Maria Carpeaux.

A antologia atual é mais completa que as anteriores por incluir também poemas de circunstância, constantes do livro *Mafuá do malungo*, e traduções que fiz de poetas estrangeiros, tiradas do livro *Poemas traduzidos*. Além disso, recolhem-se nela alguns poemas recentes ainda não coligidos em livro. Como nas duas primeiras, aqui o critério foi marcar a evolução de minha poesia,

aproveitando de cada livro o que me parecia representar melhor a minha sensibilidade e a minha técnica.

Agradeço aos meus amigos da Editora do Autor o cuidado e carinho que puseram na impressão do livro.

Rio, 2 de julho de 1961.

MANUEL BANDEIRA

* Lapsos do autor, a data correta é 1955 (N. E.).

A CINZA DAS HORAS

EPÍGRAFE

*Sou bem-nascido. Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.*

*Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de vencida,
Rugiu como um furacão,*

*Turbou, partiu, abateu,
Queimou sem razão nem dó –
Ah, que dor!*

*Magoado e só,
– Só! – meu coração ardeu:*

*Ardeu em gritos dementes
Na sua paixão sombria...
E dessas horas ardentes
Ficou esta cinza fria.*

– Esta pouca cinza fria...

DESENCANTO

Eu faço versos como quem chora De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente, Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca Assim dos lábios a vida corre, Deixando um
acre sabor na boca.

– Eu faço versos como quem morre.

Teresópolis, 1912

A CAMÕES

Quando n'alma pesar de tua raça
A névoa da apagada e vil tristeza, Busque ela sempre a glória que não passa, Em
teu poema de heroísmo e de beleza.

Gênio purificado na desgraça,
Tu resumiste em ti toda a grandeza: Poeta e soldado... Em ti brilhou sem jaça
O amor da grande pátria portuguesa.

E enquanto o fero canto ecoar na mente Da estirpe que em perigos sublimados
Plantou a cruz em cada continente, Não morrerá sem poetas nem soldados A
língua em que cantaste rudemente As armas e os barões assinalados.

A ANTÔNIO NOBRE

Tu que penaste tanto e em cujo canto Há a ingenuidade santa do menino; Que amaste os choupos, o dobrar do sino, E cujo pranto faz correr o pranto: Com que magoado olhar, magoado espanto Revejo em teu destino o meu destino! Essa dor de tossir bebendo o ar fino, A esmorecer e desejando tanto...

Mas tu dormiste em paz como as crianças.
Sorriu a Glória às tuas esperanças E beijou-te na boca... O lindo som!

Quem me dará o beijo que cobiço?
Foste conde aos vinte anos... Eu, nem isso...
Eu, não terei a Glória... nem fui bom.

Petrópolis, 3-2-1916

VERSOS ESCRITOS N'ÁGUA

Os poucos versos que aí vão, Em lugar de outros é que os ponho.
Tu que me lêes, deixo ao teu sonho Imaginar como serão.

Neles porás tua tristeza
Ou bem teu júbilo, e, talvez, Lhes acharás, tu que me lêes, Alguma sombra de
beleza...

Quem os ouviu não os amou.
Meus pobres versos comovidos!
Por isso fiquem esquecidos Onde o mau vento os atirou.

CHAMA E FUMO

Amor – chama, e, depois, fumaça...

Medita no que vais fazer:

O fumo vem, a chama passa...

Gozo cruel, ventura escassa, Dono do meu e do teu ser,

Amor – chama, e, depois, fumaça...

Tanto ele queima! e, por desgraça, Queimado o que melhor houver, O fumo vem, a chama passa...

Paixão puríssima ou devassa, Triste ou feliz, pena ou prazer, Amor – chama, e, depois, fumaça...

A cada par que a aurora enlaça, Como é pungente o entardecer!

O fumo vem, a chama passa...

Antes, todo ele é gosto e graça.

Amor, fogueira linda a arder!

Amor – chama, e, depois, fumaça...

Porquanto, mal se satisfaça, (Como te poderei dizer?...) O fumo vem, a chama passa...

A chama queima. O fumo embaça.

Tão triste que é! Mas... tem de ser...

Amor?... – chama, e, depois, fumaça: O fumo vem, a chama passa...

Teresópolis, 1911

A CANÇÃO DE MARIA

Que é de ti, melancolia?...

Onde estais, cuidados meus?...

Sabei que a minha alegria É toda vinda de Deus...

Deitei-me triste e sombria, E amanheci como estou...

Tão contente! Todavia

Minha vida não mudou.

Acaso enquanto dormia

Esquecida de meus ais, Um sonho bom me envolvia?

Se foi, não me lembro mais...

Mas se foi sonho, devia Ser bom demais para mim...

Senão, não me sentiria Tão maravilhada assim.

Ó minha linda alegria, Trégua dos cuidados meus, Por que não vens todo dia,
Se és toda vinda de Deus?

Clavadel, 1913

CARTAS DE MEU AVÔ

A tarde cai, por demais Erma, úmida e silente...
A chuva, em gotas glaciais, Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou Lendo, sossegado e só, As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorriso
Do fervor desses carinhos: É que os conheci velhinhos, Quando o fogo era já
frio.

Cartas de antes do noivado...
Cartas de amor que começa, Inquieto, maravilhado, E sem saber o que peça.

Temendo a cada momento Ofendê-la, desgostá-la, Quer ler em seu
pensamento E balbucia, não fala...

A mão pálida tremia
Contando o seu grande bem.
Mas, como o dele, batia Dela o coração também.

A paixão, medrosa dantes, Cresceu, dominou-o todo.
E as confissões hesitantes Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...

A dor... a visão da morte...

Mas, calmado o vento, o lume Brilhou, mais puro e mais forte.

E eu bendigo, envergonhado, Esse amor, avô do meu...

Do meu, – fruto sem cuidado Que inda verde apodreceu.

O meu semblante está enxuto.

Mas a alma, em gotas mansas, Chora, abismada no luto Das minhas
desesperanças...

E a noite vem, por demais Erma, úmida e silente...

A chuva em pingos glaciais, Cai melancolicamente.

E enquanto anoitece, vou Lendo, sossegado e só, As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

POEMETO IRÔNICO

O que tu chamas tua paixão, É tão somente curiosidade.
E os teus desejos ferventes vão Batendo as asas na irreabilidade...

Curiosidade sentimental
Do seu aroma, da sua pele.
Sonhas um ventre de alvura tal, Que escuro o linho fique ao pé dele.

Dentre os perfumes sutis que vêm Das suas charpas, dos seus vestidos, Isolar
tentas o odor que tem A trama rara dos seus tecidos.

Encanto a encanto, toda a prevês.
Afagos longos, carinhos sábios, Carícias lentas, de uma maciez Que se diriam
feitas por lábios...

Tu te perguntas, curioso, quais Serão seus gestos, balbuciamiento, Quando
descerdes nas espirais Deslumbradoras do esquecimento...

E acima disso, buscas saber Os seus instintos, suas tendências...
Espiar-lhe na alma por conhecer O que há sincero nas aparências.

E os teus desejos ferventes vão Batendo as asas na irreabilidade...
O que tu chamas tua paixão, É tão somente curiosidade.

POEMETO ERÓTICO

Teu corpo claro e perfeito, – Teu corpo de maravilha, Quero possuí-lo no leito
Estreito da redondilha...

Teu corpo é tudo o que cheira...
Rosa... flor de laranjeira...

Teu corpo, branco e macio, É como um véu de noivado...

Teu corpo é pomo doirado...

Rosal queimado do estio, Desfalecido em perfume...

Teu corpo é a brasa do lume...

Teu corpo é chama e flameja Como à tarde os horizontes...

É puro como nas fontes
A água clara que serpeja, Que em cantigas se derrama...

Volúpia da água e da chama...

A todo o momento o vejo...

Teu corpo... a única ilha No oceano do meu desejo...

Teu corpo é tudo o que brilha, Teu corpo é tudo o que cheira...
Rosa, flor de laranjeira...

INGÊNUO ENLEIO

Ingênuo enleio de surpresa, Sutil afago em meus sentidos, Foi para mim tua
beleza, A tua voz nos meus ouvidos.

Ao pé de ti, do mal antigo Meu triste ser convalesceu.
Então me fiz teu grande amigo, E teu afeto se me deu.

Mas o teu corpo tinha a graça Das aves... Musical adejo...
Vela no mar que freme e passa...
E assim nasceu o meu desejo.

Depois, momento por momento, Eu conheci teu coração.
E se mudou meu sentimento Em doce e grave adoração.

BODA ESPIRITUAL

Tu não estás comigo em momentos escassos: No pensamento meu, amor, tu
vives nua

– Toda nua, pudica e bela, nos meus braços.

O teu ombro no meu, ávido, se insinua.

Pende a tua cabeça. Eu amacio-a... Afago-a...

Ah, como a minha mão treme... Como ela é tua...

Põe no teu rosto o gozo uma expressão de mágoa.

O teu corpo crispado alucina. De escorço O vejo estremecer como uma sombra
n'água.

Gemes quase a chorar. Suplicas com esforço.

E para amortecer teu ardente desejo

Estendo longamente a mão pelo teu dorso...

Tua boca sem voz implora em um arquejo.

Eu te estreito cada vez mais, e espio absorto A maravilha astral dessa nudez sem
pejo...

E te amo como se ama um passarinho morto.

DESALENTO

Uma pesada, rude canseira
Toma-me todo. Por mal de mim, Ela me é cara... De tal maneira, Que às vezes
gosto que seja assim...

É bem verdade que me tortura Mais do que as dores que já conheço.
E em tais momentos se me afigura Que estou morrendo... que desfaleço...

Lembrança amarga do meu passado...
Como ela punge! Como ela dói!
Porque hoje o vejo mais desolado, Mais desgraçado do que ele foi...

Tédios e penas cuja memória
Me era mais leve que a cinza leve, Pesam-me agora... contam-me a história Do
que a minh'alma quis e não teve...

O ermo infinito do meu desejo Alonga, amplia cada pesar...
Pesar doentio... Tudo o que vejo Tem uma tinta crepuscular...

Faço em segredo canções mais tristes E mais ingênuas que as de Fortúnio:
Canções ingênuas que nunca ouvistes, Volúpia obscura deste infortúnio...

Às vezes volto, por esquecê-la, A vista súplice em derredor.

Mas tenho medo de que sem ela A desventura seja maior...

Sem pensamentos e sem cuidados, Minh'alma tímida e pervertida, Queda-se de
olhos desencantados Para o sagrado labor da vida...

Teresópolis, 1912

UM SORRISO

Vinha caindo a tarde. Era um poente de agosto.

A sombra já enoitava as moitas. A umidade Aveludava o musgo. E tanta suavidade

Havia, de fazer chorar nesse sol-posto.

A viração do oceano acariciava o rosto Como incorpóreas mãos. Fosse mágoa ou saudade, Tu olhavas, sem ver, os vales e a cidade.

– Foi então que senti sorrir o meu desgosto...

Ao fundo o mar batia a crista dos escolhos...

Depois o céu... e mar e céus azuis: dir-se-ia Prolongarem a cor ingênua de teus olhos...

A paisagem ficou espiritualizada.

Tinha adquirido uma alma. E uma nova poesia Desceu do céu, subiu do mar, cantou na estrada...

DESESPERANÇA

Esta manhã tem a tristeza de um crepúsculo.
Como dói um pesar em cada pensamento!
Ah, que penosa lassidão em cada músculo...

O silêncio é tão largo, é tão longo, é tão lento Que dá medo... O ar, parado,
incomoda, angustia...
Dir-se-ia que anda no ar um mau pressentimento.

Assim deverá ser a natureza um dia,
Quando a vida acabar e, astro apagado, a Terra Rodar sobre si mesma estéril e
vazia.

O demônio sutil das nevroses enterra
A sua agulha de aço em meu crânio doído.
Ouço a morte chamar-me e esse apelo me aterra...

Minha respiração se faz como um gemido.
Já não entendo a vida, e se mais a aprofundo, Mais a descompreendo e não lhe
acho sentido.

Por onde alongue o meu olhar de moribundo, Tudo a meus olhos toma um
doloroso aspeto: E erro assim repellido e estrangeiro no mundo.

Vejo nele a feição fria de um desafeto.
Temo a monotonia e apreendo a mudança.
Sinto que a minha vida é sem fim, sem objeto...

– Ah, como dói viver quando falta a esperança!

Teresópolis, 1912

RENÚNCIA

Chora de manso e no íntimo... Procura Curtir sem queixa o mal que te crucia:
O mundo é sem piedade e até riria Da tua inconsolável amargura.

Só a dor enobrece e é grande e é pura.
Aprende a amá-la que a amarás um dia.
Então ela será tua alegria,
E será, ela só, tua ventura...

A vida é vã como a sombra que passa...
Sofre sereno e de alma sobranceira, Sem um grito sequer, tua desgraça.

Encerra em ti tua tristeza inteira.
E pede humildemente a Deus que a faça Tua doce e constante companheira...

Teresópolis, 1906

CARNAVAL

BACANAL

Quero beber! cantar asneiras No esto brutal das bebedeiras Que tudo emborca
e faz em caco...

Evoé Baco!

Lá se me parte a alma levada No torvelim da mascarada, A gargalhar em doudo
assomo...

Evoé Momo!

Lacem-na toda, multicores, As serpentinas dos amores, Cobras de lívidos
venenos...

Evoé Vênus!

Se perguntarem: Que mais queres, Além de versos e mulheres?...

– Vinhos!... o vinho que é o meu fraco!...

Evoé Baco!

O alfange rútilo da lua, Por degolar a nuca nua

Que me alucina e que eu não domo!...

Evoé Momo!

A Lira etérea, a grande Lira!...

Por que eu extático desfira Em seu louvor versos obscenos, Evoé Vênus!

OS SAPOS

Enfunando os papos, Saem da penumbra, Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra, Berra o sapo-boi: – “Meu pai foi à guerra!”
– “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”

O sapo-tanoeiro, Parnasiano aguado, Diz: – “Meu cancionero É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo Os termos cognatos.

O meu verso é bom Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos Que lhes dei a norma: Reduzi sem danos A fôrmas a forma.

Clame a sapia
Em críticas céticas: Não há mais poesia, Mas há artes poéticas...”

Urta o sapo-boi: – “Meu pai foi rei” – “Foi!”
– “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”

Brada em um assomo O sapo-tanoeiro: – “A grande arte é como Trabalho de
joalheiro.

Ou bem de estatário.

Tudo quanto é belo, Tudo quanto é vário, Canta no martelo.”

Outros, sapos-pipas (Um mal em si cabe), Falam pelas tripas: – “Sei!” – “Não
sabe!” – “Sabe!”

Longe dessa grita, Lá onde mais densa A noite infinita Verte a sombra imensa;
Lá, fugido ao mundo, Sem glória, sem fé, No perau profundo E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio, Sapo-cururu
Da beira do rio...

VULGÍVAGA

Não posso crer que se conceba Do amor senão o gozo físico!
O meu amante morreu bêbado, E meu marido morreu tísico!

Não sei entre que astutos dedos Deixei a rosa da inocência.
Antes da minha pubescência
Sabia todos os segredos...

Fui de um... Fui de outro... Este era médico...
Um, poeta... Outro, nem sei mais!
Tive em meu leito enciclopédico Todas as artes liberais.

Aos velhos dou o meu engulho.
Aos fêrvidos, o que os esfrie.
A artistas, a *coquetterie*
Que inspira... E aos tímidos, – o orgulho.

Estes, caçoo-os e depeno-os: A canga fez-se para o boi...
Meu claro ventre nunca foi
De sonhadores e de ingênuos!

E todavia se o primeiro
Que encontro, fere toda a lira, Amanso. Tudo se me tira.

Dou tudo. E mesmo... dou dinheiro...

Se bate, então como o estremeço!

Oh, a volúpia da pancada!

Dar-me entre lágrimas, quebrada Do seu colérico arremesso...

E o cio atroz se me não leva A valhacoutos de canalhas,

É porque temo pela treva

O fio fino das navalhas...

Não posso crer que se conceba Do amor senão o gozo físico!

O meu amante morreu bêbado, E meu marido morreu tísico!

A ROSA

A vista incerta, Os ombros languens, Pierrot aperta As mãos exangues De encontro ao peito.

Alguma cousa O punge ali Que ele não ousa Lançar de si, O pobre doido!

Uma sombria Rosa escarlata Em agonia
Faz que lhe bata O coração...

Sangrenta rosa Que evoca a louca, A voluptuosa Volúvel boca De sua amada...

Ah, com que mágoa, Com que desgosto Dois fios de água Lavam-lhe o rosto
De faces lívidas!

Da veste branca À larga túnica Por fim arranca A rosa púnica Em um soluço.

E parecia,
Jogando ao chão A flor sombria, Que o coração Ele arrancara!...

PIERROT MÍSTICO

Torna a meu leito, Colombina!

Não procures em outros braços Os requintes em que se afina A volúpia dos meus abraços.

Os atletas poderão dar-te O amor próximo das sevícias...

Só eu possuo a ingênua arte Das indefiníveis carícias...

Meus magros dedos dissolutos Conhecem todos os afagos

Para os teus olhos sempre enxutos Mudar em dois brumosos lagos...

Quando em êxtase os olhos viro, Ah se pudesses, fútil presa, Sentir na dor do meu suspiro A minha infinita tristeza!...

Insensato aquele que busca O amor na fúria dionisíaca!

Por mim desamo a posse brusca: A volúpia é cisma elegíaca...

A volúpia é bruma que esconde Abismos de melancolia...

Flor de tristes pântanos onde Mais que a morte a vida é sombria...

Minh'alma lírica de amante Despedaçada de soluços,

Minh'alma ingênua, extravagante, Aspira a desoras de bruços Não às alegrias impuras,

Mas àquelas rosas simbólicas De vossas ardentes ternuras, Grandes místicas
melancólicas!...

DEBUSSY

Para cá, para lá...

Para cá, para lá...

Um novelozinho de linha...

Para cá, para lá...

Para cá, para lá...

Oscila no ar pela mão de uma criança (Vem e vai...) Que delicadamente e quase a adormecer o balanço – Psiu... – Para cá, para lá...

Para cá e...

– O novelozinho caiu.

PIERRETTE

O relento hiperestesia
O ritmo tardo de meu sangue.
Sinto correr-me a espinha langue Um calefrio de histeria...

Gemem ondinas nos repuxos Das fontes. Faunos aparecem.
E salamandras desfalecem
Nas sarças, nos braços dos bruxos.

Corro à floresta: entre miríades De vaga-lumes, junto aos troncos, Gênios
caprípedes e broncos Estupram virgens hamadríades.

Ergo olhos súplices: e vejo, Ante as minhas pupilas tontas, No sete-estrela as
sete pontas De sete espadas de desejo.

O sexo obsidente alucina
A minha índole surpresa:
As imagens da natureza
São um delírio de morfina.

A minha carne complicada
Espreita, em voluptuoso ardil, Alguém que tenha a alma sutil, Decadente,
degenerada!

E a lua verte como uma âmbula O filtro erótico que assombra...
Vem, meu Pierrot, ó minha sombra Cocainômana e noctâmbula!...

O DESCANTE DE ARLEQUIM

A lua ainda não nasceu.

A escuridão propícia aos furtos, Propícia aos furtos, como o meu, De amores frívolos e curtos, Estende o manto alcoviteiro À cuja sombra, se quiseres, A mais ardente das mulheres Terá o seu único parceiro.

Ei-lo. Sem glória e sem vintém, Amando os vinhos e os baralhos, Eu, nesta veste de retalhos, Sou tudo quanto te convém.

Não se me dá do teu recato.

Antes, polido pelo vício, Sou fácil, acomodaticio, Agora beijo, agora bato, Que importa? Ao menos o teu ser Ao meu anélito corruto
Esquecerá por um minuto O pesadelo de viver.

E eu, vagabundo sem idade, Contra a moral e contra os códigos, Dar-te-ei entre os meus braços pródigos Um momento de eternidade...

A DAMA BRANCA

A Dama Branca que eu encontrei, Faz tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei, Sorriu-me em todos os desenganos.

Era sorriso de compaixão?
Era sorriso de zombaria?
Não era mofa nem dó. Senão, Só nas tristezas me sorriria.

E a Dama Branca sorriu também A cada júbilo interior.
Sorria como querendo bem.
E todavia não era amor.

Era desejo? – Credo! De tísicos?
Por histeria... quem sabe lá?...
A Dama tinha caprichos físicos: Era uma estranha vulgívaga.

Ela era o gênio da corrupção.
Tábua de vícios adúlteros.
Tivera amantes: uma porção.
Até mulheres. Até meninos.

Ao pobre amante que lhe queria, Se lhe furtava sarcástica.
Com uns perjura, com outros fria, Com outros má,

– A Dama Branca que eu encontrei, Há tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei, Sorriu-me em todos os desenganos.

Essa constância de anos a fio, Sutil, captara-me. E imaginai!
Por uma noite de muito frio, A Dama Branca levou meu pai.

HIATO

És na minha vida como um luminoso Poema que se lê comovidamente
Entre sorrisos e lágrimas de gozo...

A cada imagem, outra alma, outro ente Parece entrar em nós e manso enlaçar A
velha alma arruinada e doente...

– Um poema luminoso como o mar, Aberto em sorrisos de espuma, onde as
velas Fogem como garças longínquas no ar...

TOANTE

... wie ein stilles Nachtgebet.

Lenau

Molha em teu pranto de aurora as minhas mãos pálidas.

Molha-as. Assim eu as quero levar à boca, Em espírito de humildade, como um cálice De penitência em que a minh'alma se faz boa...

Foi assim que Teresa de Jesus amou...

Molha em teu pranto de aurora as minhas mãos pálidas.

O espasmo é como um êxtase religioso...

E o teu amor tem o sabor das tuas lágrimas...

ALUMBRAMENTO

Eu vi os céus! Eu vi os céus!
Oh, essa angélica brancura Sem tristes pejos e sem véus!

Nem uma nuvem de amargura
Vem a alma desassossegar.
E sinto-a bela... e sinto-a pura...

Eu vi nevar! Eu vi nevar!
Oh, cristalizações da bruma A amortalhar, a cintilar!

Eu vi o mar! Lírios de espuma Vinham desabrochar à flor
Da água que o vento desapruma...

Eu vi a estrela do pastor...
Vi a licorne alvinitente!...
Vi... vi o rastro do Senhor!...

E vi a Via Láctea ardente...
Vi comunhões... capelas... véus...
Súbito... alucinadamente...

Vi carros triunfais... troféus...

Pérolas grandes como a lua...

Eu vi os céus! Eu vi os céus!

– Eu vi-a nua... toda nua!

Clavadel, 1913

SONHO DE UMA TERÇA-FEIRA GORDA

Eu estava contigo. Os nossos dominós eram negros, e negras eram as nossas máscaras.

Íamos, por entre a turba, com solenidade, Bem conscientes do nosso ar lúgubre
Tão contrastado pelo sentimento de felicidade Que nos penetrava. Um lento,
suave júbilo Que nos penetrava... Que nos penetrava como uma espada de
fogo...

Como a espada de fogo que apunhalava as santas extáticas!

E a impressão em meu sonho era que se estávamos Assim de negro, assim por
fora inteiramente de negro, – Dentro de nós, ao contrário, era tudo claro e
luminoso!

Era terça-feira gorda. A multidão inumerável Burburinhava. Entre clangores de
fanfarra Passavam préstitos apoteóticos.

Eram alegorias ingênuas, ao gosto popular, em cores cruas.

Iam em cima, empoleiradas, mulheres de má vida, De peitos enormes – Vênus
para caixeiros.

Figuravam deusas, – deusa disto, deusa daquilo, já tontas e seminuas.

A turba, ávida de promiscuidade,

Acotovelava-se com algazarra,

Aclamava-as com alarido.

E, aqui e ali, virgens atiravam-lhes flores.

Nós caminhávamos de mãos dadas, com solenidade, O ar lúgubre, negros,
negros...

Mas dentro em nós era tudo claro e luminoso!

Nem a alegria estava ali, fora de nós.

A alegria estava em nós.

Era dentro de nós que estava a alegria, – A profunda, a silenciosa alegria...

POEMA DE UMA QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Entre a turba grosseira e fútil Um Pierrot doloroso passa.
Veste-o uma túnica inconsútil Feita de sonho e de desgraça...

O seu delírio manso agrupa Atrás dele os maus e os basbaques.
Este o indigita, este outro o apupa...
Indiferente a tais ataques, Nublada a vista em pranto inútil, Dolorosamente ele
passa.
Veste-o uma túnica inconsútil, Feita de sonho e de desgraça...

EPÍLOGO

Eu quis um dia, como Schumann, compor Um Carnaval todo subjetivo:
Um Carnaval em que o só motivo Fosse o meu próprio ser interior...

Quando o acabei, – a diferença que havia!
O de Schumann é um poema cheio de amor, E de frescura, e de mocidade...
E o meu tinha a morta morta-cor Da senilidade e da amargura...
– O meu Carnaval sem nenhuma alegria!...

O RITMO DISSOLUTO

O SILÊNCIO

Na sombra cúmplice do quarto, Ao contacto das minhas mãos lentas, A substância da tua carne Era a mesma que a do silêncio.

Do silêncio musical, cheio De sentido místico e grave, Ferindo a alma de um enleio Mortalmente agudo e suave.

Ah, tão suave e tão agudo!

Parecia que a morte vinha...

Era o silêncio que diz tudo O que a intuição mal adivinha.

É o silêncio da tua carne.

Da tua carne de âmbar, nua, Quase a espiritualizar-se Na aspiração de mais ternura.

O MENINO DOENTE

O menino dorme.

Para que o menino Durma sossegado, Sentada a seu lado A mãezinha canta: –

“Dodói, vai-te embora!

“Deixa o meu filhinho.

“Dorme... dorme... meu...”

Morta de fadiga, Ela adormeceu.

Então, no ombro dela, Um vulto de santa, Na mesma cantiga, Na mesma voz
dela, Se debruça e canta: – “Dorme, meu amor.

“Dorme, meu benzinho...”

E o menino dorme.

BALADA DE SANTA MARIA EGIPCÍACA

Santa Maria Egipcíaca seguia Em peregrinação à terra do Senhor.

Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir.

Santa Maria Egipcíaca chegou À beira de um grande rio.
Era tão longe a outra margem!
E estava junto à ribanceira, Num barco,
Um homem de olhar duro.

Santa Maria Egipcíaca rogou: – Leva-me ao outro lado.
Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.

O homem duro fitou-a sem dó.

Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir.

– Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe.
Leva-me ao outro lado.

O homem duro escarneceu: – Não tens dinheiro, Mulher, mas tens teu corpo.
Dá-me o teu corpo, e vou levar-te.

E fez um gesto. E a santa sorriu, Na graça divina, ao gesto que ele fez.

Santa Maria Egipciaca despiu O manto, e entregou ao barqueiro A santidade da sua nudez.

FELICIDADE

A doce tarde morre. E tão mansa Ela esmorece,
Tão lentamente no céu de prece, Que assim parece, toda repouso, Como um
suspiro de extinto gozo De uma profunda, longa esperança Que, enfim
cumprida, morre, descansa...

E enquanto a mansa tarde agoniza, Por entre a névoa fria do mar Toda a
minh'alma foge na brisa: Tenho vontade de me matar!

Oh, ter vontade de se matar...
Bem sei é cousa que não se diz.
Que mais a vida me pode dar?
Sou tão feliz!

— Vem, noite mansa...

MURMÚRIO D'ÁGUA

Murmúrio d'água, és tão suave a meus ouvidos...
Faz tanto bem à minha dor teu refrigério!
Nem sei passar sem teu murmúrio a meus ouvidos, Sem teu suave, teu afável
refrigério.

Água de fonte... água de oceano... água de pranto...
Água de rio...
Água de chuva, água cantante das levadas...
Têm para mim, todas, consolos de acalanto, A que sorrio...

A que sorri a minha cínica descrença.
A que sorri o meu opróbrio de viver.
A que sorri o mais profundo desencanto Do mais profundo e mais recôndito
em meu ser!
Sorriem como aqueles cegos de nascença Aos quais Jesus de súbito fazia ver...

A minha mãe ouvi dizer que era minh'ama Tranquila e mansa.
Talvez ouvi, quando criança,
Cantigas tristes que cantou à minha cama.
Talvez por isso eu me comova a aquela mágoa.
Talvez por isso eu me comova tanto à mágoa Do teu rumor, murmúrio
d'água...

A meiga e triste rapariga
Punha talvez nessa cantiga
A sua dor e mais a dor de sua raça...
Pobre mulher, sombria filha da desgraça!
– Murmúrio d'água, és a cantiga de minh'ama.

MAR BRAVO

Mar que ouvi sempre cantar murmúrios Na doce queixa das elegias, Como se fosses, nas tardes frias De tons purpúreos, A voz das minhas melancolias: Com que delícia neste infortúnio, Com que selvagem, profundo gozo, Hoje te vejo bater raivoso, Na maré-cheia de novilúnio, Mar rumoroso!

Com que amargura mordes a areia, Cuspindo a baba da acre salsugem, No torvelinho de ondas que rugem Na maré-cheia, Mar de sargaços e de amarugem!

As minhas cóleras homicidas, Meus velhos ódios de iconoclasta, Quedam-se absortos diante da vasta, Pérfida vaga que tudo arrasta, Mar que intimidas!

Em tuas ondas precipitadas, Onde flamejam lampejos ruivos, Gemem sereias despedaçadas, Em longos uivos Multiplicados pelas quebradas.

Mar que arremetes, mas que não cansas, Mar de blasfêmias e de vinganças, Como te invejo! Dentro em meu peito Eu trago um pântano insatisfeito De corrompidas desesperanças!...

CARINHO TRISTE

A tua boca ingênua e triste
E voluptuosa, que eu saberia fazer Sorrir em meio dos pesares e chorar em
meio das alegrias, A tua boca ingênua e triste
É dele quando ele bem quer.

Os teus seios miraculosos,
Que amamentaram sem perder
O precário frescor da pubescência, Teus seios, que são como os seios intactos
das virgens, São dele quando ele bem quer.

O teu claro ventre,
Onde como no ventre da terra ouço bater O mistério de novas vidas e de novos
pensamentos, Teu ventre, cujo contorno tem a pureza da linha de mar e céu ao
pôr do sol, É dele quando ele bem quer.

Só não é dele a tua tristeza.
Tristeza dos que perderam o gosto de viver.
Dos que a vida traiu impiedosamente.
Tristeza de criança que se deve afagar e acalentar.
(A minha tristeza também!...) Só não é dele a tua tristeza, ó minha triste amiga!
Porque ele não a quer.

BÉLGICA

Bélgica dos canais de labor perseverante, Que a usura das cousas, tempo afora,
Tempo adiante,
Fez para agora e para jamais
Canais de infinita, enternecida poesia...

Bélgica dos canais, Bélgica de cujos canais Saiu ao mar mais de uma ingênu
vela branca...
Mais de uma vela nova... mais de uma vela virgem...
Bélgica das velas brancas e virgens!

Bélgica dos velhos paços municipais, Úmidos da nostalgia
De um nobre passado irrevocável.

Bélgica dos pintores flamengos.
Bélgica onde Verlaine escreveu *Sagesse*.

Bélgica das beguines,
Das humildes beguines de mãos postas, em prece, Sob os toucados de linho
simbólicos.
Bélgica de Malines.
Bélgica de Bruges-a-morta...
Bélgica dos carrilhões católicos.

Bélgica dos poetas iniciadores.

Bélgica de Maeterlinck

(*La Mort de Tintagiles, Pelléas et Mélisande*), Bélgica de Verhaeren e dos campos alucinados da Flandres.

Bélgica das velas ingênuas e virgens.

OS SINOS

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino de Belém,
Sino da Paixão...

Sino do Bonfim!...
Sino do Bonfim!...

*

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, por quem chora assim?...

*

Sino de Belém, que graça ele tem!

Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão – pela minha mãe!

Sino da Paixão – pela minha irmã!

Sino do Bonfim, que vai ser de mim?...

*

Sino de Belém, como soa bem!

Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão... Por meu pai?... – Não! Não!...

Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, baterás por mim?...

*

Sino de Belém,

Sino da Paixão...

Sino da Paixão, pelo meu irmão...

Sino da Paixão,

Sino do Bonfim...

Sino do Bonfim, ai de mim, por mim!

*

Sino de Belém, que graça ele tem!

MADRIGAL MELANCÓLICO

O que eu adoro em ti,
Não é a tua beleza.
A beleza, é em nós que ela existe.
A beleza é um conceito.
E a beleza é triste.
Não é triste em si,
Mas pelo que há nela de fragilidade e de incerteza.

O que eu adoro em ti,
Não é a tua inteligência.
Não é o teu espírito sutil, Tão ágil, tão luminoso,
– Ave solta no céu matinal da montanha.
Nem é a tua ciência
Do coração dos homens e das coisas.

O que eu adoro em ti,
Não é a tua graça musical, Sucessiva e renovada a cada momento, Graça aérea
como o teu próprio pensamento, Graça que perturba e que satisfaz.

O que eu adoro em ti,
Não é a mãe que já perdi.
Não é a irmã que já perdi.

E meu pai.

O que eu adoro em tua natureza, Não é o profundo instinto maternal Em teu
flanco aberto como uma ferida.

Nem a tua pureza. Nem a tua impureza.

O que eu adoro em ti – lastima-me e consola-me!

O que eu adoro em ti, é a vida.

11 de julho de 1920

A ESTRADA

Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho, Interessa mais que uma avenida urbana.

Nas cidades todas as pessoas se parecem.

Todo o mundo é igual. Todo o mundo é toda a gente.

Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.

Cada criatura é única.

Até os cães.

Estes cães da roça parecem homens de negócios: Andam sempre preocupados.

E quanta gente vem e vai!

E tudo tem aquele caráter impressionante que faz meditar: Enterro a pé ou a carrocinha de leite puxada por um bodezinho manhoso.

Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos símbolos, Que a vida passa! que a vida passa!

E que a mocidade vai acabar.

Petrópolis, 1921

MENINOS CARVOEIROS

Os meninos carvoeiros

Passam a caminho da cidade.

– Eh, carvoero!

E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.

Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.

A aniagem é toda remendada.

Os carvões caem.

(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.) – Eh, carvoero!

Só mesmo estas crianças raquíticas Vão bem com estes burrinhos descadeirados.

A madrugada ingênua parece feita para eles...

Pequenina, ingênua miséria!

Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

– Eh, carvoero!

Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado, Encarapitados nas alimárias, Apostando corrida,

Dançando, bamboaleando nas cangalhas como espantalhos desamparados!

Petrópolis, 1921

SOB O CÉU TODO ESTRELADO

As estrelas, no céu muito límpido, brilhavam, divinamente distantes.
Vinha da cançada o aroma amolecete dos jasmins.
E havia também, num canteiro perto, rosas que cheiravam a jambo.
Um vaga-lume abateu sobre as hortênsias e ali ficou luzindo misteriosamente.
À parte as águas de um córrego contavam a eterna história sem começo nem fim.
Havia uma paz em tudo isso...
(Era de resto o que dizia lá dentro o meigo adágio de Haydn.) Tudo isso era tão tranquilo... tão simples...
E deverias dizer que foi o teu momento mais feliz.

Petrópolis, 1921

NOTURNO DA MOSELA

A noite... O silêncio...

Se fosse só o silêncio!

Mas esta queda-d'água que não para! que não para!

Não é de dentro de mim que ela flui sem piedade?...

A minha vida foge, foge, – e sinto que foge inutilmente!

O silêncio e a estrada ensopada, com dois reflexos intermináveis...

Fumo até quase não sentir mais que a brasa e a cinza em minha boca.

O fumo faz mal aos meus pulmões comidos pelas algas.

O fumo é amargo e abjeto. Fumo abençoado, que és amargo e abjeto!

Uma pequenina aranha urde no peitoril da janela a teiazinha levíssima.

Tenho vontade de beijar esta aranhazinha...

No entanto em cada charuto que acendo cuido encontrar o gosto que faz esquecer...

Os meus retratos... Os meus livros... O meu crucifixo de marfim...

E a noite...

Petrópolis, 1921

GESSO

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova – O gesso muito branco, as linhas muito puras, – Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.

O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem, Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida

Inadvertidamente a derrubou e partiu.

Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, recompus a figurinha que chorava.

E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial

É tocante e vive, e me fez agora refletir Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

NOITE MORTA

Noite morta.

Junto ao poste de iluminação Os sapos engolem mosquitos.

Ninguém passa na estrada.

Nem um bêbado.

No entanto há seguramente por ela uma procissão de sombras.

Sombras de todos os que passaram.

Os que ainda vivem e os que já morreram.

O córrego chora.

A voz da noite...

(Não desta noite, mas de outra maior.) Petrópolis, 1921

NA RUA DO SABÃO

Cai cai balão
Cai cai balão
Na Rua do Sabão!

O que custou arranjar aquele balãozinho de papel!
Quem fez foi o filho da lavadeira.
Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.
Comprou o papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos...
Depois ajustou o morrão de pez ao bocal de arame.

Ei-lo agora que sobe, – pequena coisa tocante na escuridão do céu.

Levou tempo para criar fôlego.
Bambeava, tremia todo e mudava de cor.
A molecada da Rua do Sabão Gritava com maldade: Cai cai balão!

Subitamente, porém, entesou, enfunou-se e arrancou das mãos que o tenteavam.

E foi subindo...
para longe...
serenamente...

Como se o enchesse o soprinho tísico do José.

Cai cai balão!

A molecada salteou-o com atiradeiras assobios

apupos

pedradas.

Cai cai balão!

Um senhor advertiu que os balões são proibidos pelas posturas municipais.

Ele foi subindo...

 muito serenamente...

 para muito longe...

Não caiu na Rua do Sabão.

Caiu muito longe... Caiu no mar, – nas águas puras do mar alto.

BERIMBAU

Os aguapés dos aguaçais Nos igapós dos Japurás Bolem, bolem, bolem.

Chama o saci: – Si si si si!

– Ui ui ui ui ui! uiva a iara Nos aguaçais dos igapós Dos Japurás e dos Purus.

A mameluca é uma maluca.

Saiu sozinha da maloca – O boto bate – bite bite...

Quem ofendeu a mameluca?

– Foi o boto!

O Cussaruim bota quebrantos.

Nos aguaçais os aguapés – Cruz, canhoto! – Bolem... Peraus dos Japurás De assombramentos e de espantos!...

BALÕEZINHOS

Na feira livre do arrabaldezinho Um homem loquaz apregoa balõezinhos de cor: – “O melhor divertimento para as crianças!”

Em redor dele há um ajuntamento de menininhos pobres, Fitando com olhos muito redondos os grandes balõezinhos muito redondos.

No entanto a feira burburinha.

Vão chegando as burguesinhas pobres, E as criadas das burguesinhas ricas, E mulheres do povo, e as lavadeiras da redondeza.

Nas bancas de peixe,

Nas barraquinhas de cereais, Junto às cestas de hortaliças O tostão é regateado com acrimônia.

Os meninos pobres não veem as ervilhas tenras, Os tomatinhos vermelhos,

Nem as frutas,

Nem nada.

Sente-se bem que para eles ali na feira os balõezinhos de cor são a única mercadoria útil e verdadeiramente indispensável.

O vendedor infatigável apregoa: – “O melhor divertimento para as crianças!”

E em torno do homem loquaz os menininhos pobres fazem um círculo inamovível de desejo e espanto.

LIBERTINAGEM

NÃO SEI DANÇAR

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
Tenho todos os motivos menos um de ser triste.
Mas o cálculo das probabilidades é uma pilhéria...
Abaixo Amiel!
E nunca lerei o diário de Maria Bashkirtseff.

Sim, já perdi pai, mãe, irmãos.
Perdi a saúde também.
É por isso que sinto como ninguém o ritmo do jazz-band.

Uns tomam éter, outros cocaína.
Eu tomo alegria!
Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira gorda.

Mistura muito excelente de chás...
Esta foi açafata...

– Não, foi arrumadeira.
E está dançando com o ex-prefeito municipal.
Tão Brasil!

De fato este salão de sangues misturados parece o Brasil...

Há até a fração incipiente amarela Na figura de um japonês.
O japonês também dança maxixe: Acugêlê banzai!
A filha do usineiro de Campos Olha com repugnância
Para a crioula imoral.
No entanto o que faz a indecência da outra É dengue nos olhos maravilhosos
da moça.
E aquele cair de ombros...
Mas ela não sabe...
Tão Brasil!

Ninguém se lembra de política...
Nem dos oito mil quilômetros de costa...
O algodão do Seridó é o melhor do mundo?... Que me importa?
Não há malária nem moléstia de Chagas nem ancilóstomos.
A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
Eu tomo alegria!

Petrópolis, 1925

O ANJO DA GUARDA

Quando minha irmã morreu,
(Devia ter sido assim)
Um anjo moreno, violento e bom,
– brasileiro

Veio ficar ao pé de mim.
O meu anjo da guarda sorriu
E voltou para junto do Senhor.

PENSÃO FAMILIAR

Jardim da pensãozinha burguesa.

Gatos espapaçados ao sol.

A tiririca sitia os canteiros chatos.

O sol acaba de crestar as boninas que murcharam.

Os girassóis

amarelo!

resistem.

E as dalias, rechonchudas, plebeias, dominicais.

Um gatinho faz pipi.

Com gestos de garçom de restaurant-Palace Encobre cuidadosamente a mijadinha.

Sai vibrando com elegância a patinha direita: – É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.

Petrópolis, 1925

O CACTO

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatuária: Laocoonte estrangido pelas serpentes, Ugolino e os filhos esfaimados.

Evocava também o seco Nordeste, carnaubais, caatingas...

Era enorme, mesmo para esta terra de feracidades excepcionais.

Um dia um tufão furibundo abateu-o pela raiz.

O cacto tombou atravessado na rua,

Quebrou os beirais do casario fronteiro, Impediu o trânsito de bondes, automóveis, carroças, Arrebentou os cabos elétricos e durante vinte e quatro horas privou a cidade de iluminação e energia: – Era belo, áspero, intratável.

Petrópolis, 1925

PNEUMOTÓRAX

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico: – Diga trinta e três.

– Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

– Respire.

.....

– O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

– Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

– Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

POÉTICA

Estou farto do lirismo comedido Do lirismo bem-comportado Do lirismo
funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações
de apreço ao sr. diretor Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no
dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais Todas as construções
sobretudo as sintaxes de exceção Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
Estou farto do lirismo namorador Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo Será contabilidade tabela de cossenos secretário do
amante exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de
agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos O lirismo dos bêbedos O lirismo difícil e
pungente dos bêbedos O lirismo dos clowns de Shakespeare – Não quero mais
saber do lirismo que não é libertação.

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

Quando eu tinha seis anos Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

– O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

MANGUE

Mangue mais Veneza americana do que o Recife Cargueiros atracados nas docas do Canal Grande O Morro do Pinto morre de espanto Passam estivadores de torso nu suando facas de ponta Café baixo

Trapiches alfandegados

Catraias de abacaxis e de bananas A Light fazendo crusvaldina com resíduos de coque Há macumbas no piche

Eh cagira mia pai

Eh cagira

E o luar é uma coisa só Houve tempo em que a Cidade Nova era mais subúrbio do que todas as Meritis da Baixada Pátria amada idolatrada de empregadinhos de repartições públicas Gente que vive porque é teimosa Cartomantes da Rua Carmo Neto Cirurgiões-dentistas com raízes gregas nas tabuletas avulsivas O Senador Eusébio e o Visconde de Itaúna já se olhavam com rancor (Por isso

Entre os dois

Dom João VI mandou plantar quatro renques de palmeiras-imperiais) Casinhas tão térreas onde tantas vezes meu Deus fui funcionário público casado com mulher feia e morri de tuberculose pulmonar Muitas palmeiras se suicidaram porque não viviam num píncaro azulado.

Era aqui que choramingavam os primeiros choros dos carnavais cariocas.

Sambas da tia Ciata

Cadê mais tia Ciata

Talvez em Dona Clara meu branco Ensaando cheganças pra o Natal O menino Jesus – Quem sois tu?

O preto – Eu sou aquele preto principá do centro do cafange do fundo do rebolo. Quem sois tu?

O menino Jesus – Eu sou o fio da Virge Maria.

O preto – Entonces como é fio dessa senhora, obedeço.

O menino Jesus – Entonces cuma você obedece, reze aqui um terceto pr'esse exerço vê.

O Mangue era simplesinho Mas as inundações dos solstícios de verão Trouxeram para Mata-Porcos todas as uiaras da Serra da Carioca Uiaras do Trapicheiro

Do Maracanã

Do rio Joana

E vieram também sereias de além-mar jogadas pela ressaca nos aterrados da Gamboa Hoje há transatlânticos atracados nas docas do Canal Grande O Senador e o Visconde arranjaram capangas Hoje se fala numa porção de ruas em que dantes ninguém acreditava E há partidas para o Mangue Com choros de cavaquinho, pandeiro e reco-reco És mulher

És mulher e nada mais

OFERTA

Mangue mais Veneza americana do que o Recife Meriti meretriz

Mangue enfim verdadeiramente Cidade Nova Com transatlânticos atracados nas docas do Canal Grande Linda como Juiz de Fora!

BELÉM DO PARÁ

Bembelelém

Viva Belém!

Belém do Pará porto moderno integrado na equatorial Beleza eterna da paisagem Bembelelém

Viva Belém!

Cidade pomar

(Obrigou a polícia a classificar um tipo novo de delinquente: O apedrejador de mangueiras) Bembelelém

Viva Belém!

Belém do Pará onde as avenidas se chamam Estradas: Estrada de São Jerônimo
Estrada de Nazaré

Onde a banal Avenida Marechal Deodoro da Fonseca de todas as cidades do Brasil Se chama liricamente Brasileiramente

Estrada do Generalíssimo Deodoro Bembelelém

Viva Belém!

Nortista gostosa

Eu te quero bem.

Terra da castanha

Terra da borracha

Terra de biribá bacuri sapoti Terra de fala cheia de nome indígena Que a gente
não sabe se é de fruta pé de pau ou ave de plumagem bonita.

Nortista gostosa

Eu te quero bem.

Me obrigará a novas saudades Nunca mais me esquecerei do teu Largo da Sé
Com a fé maciça das duas maravilhosas igrejas barrocas E o renque ajoelhado
de sobradinhos coloniais tão bonitinhos Nunca mais me esquecerei Das velas
encarnadas Verdes

Azuis

Da doca de Ver-o-Peso Nunca mais

E foi pra me consolar mais tarde Que inventei esta cantiga: Bembelelém

Viva Belém!

Nortista gostosa

Eu te quero bem.

Belém, 1928

EVOCAÇÃO DO RECIFE

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais Não o Recife dos Mascates Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois – Recife das revoluções libertárias Mas o Recife sem história nem literatura Recife sem mais nada

Recife da minha infância A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, mexericos, namoros, risadas A gente brincava no meio da rua Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

À distância as vozes macias das meninas politonavam: Roseira dá-me uma rosa Craveiro dá-me um botão (Dessas rosas muita rosa Terá morrido em botão...) De repente

nos longes da noite

um sino

Uma pessoa grande dizia: Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal) Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...

... onde se ia fumar escondido Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...

... onde se ia pescar escondido Capiberibe

– Capibaribe

Lá longe o sertãozinho de Caxangá Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho Fiquei parado o coração batendo Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redomoinho sumiu E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras Novenas

Cavallhadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus cabelos Capiberibe

– Capibaribe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas Com o xale vistoso de pano da Costa E o vendedor de roletes de cana O de amendoim

que se chamava midubim e não era torrado era cozido Me lembro de todos os pregões: Ovos frescos e baratos Dez ovos por uma pataca Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros Vinha da boca do povo
na língua errada do povo Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem Terras que não
sabia onde ficavam Recife...

Rua da União...

A casa de meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade Recife...

Meu avô morto.

Recife morto. Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.

Rio, 1925

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia
num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

TERESA

A primeira vez que vi Teresa

Achei que ela tinha pernas estúpidas Achei também que a cara parecia uma perna Quando vi Teresa de novo

Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo (Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse) Da terceira vez não vi mais nada Os céus se misturaram com a terra E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

LENDA BRASILEIRA

A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara: o que saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão. Quis puxar o gatilho e não pôde.

– Deus me perdoe!

Mas o Cussaruim veio vindo, veio vindo, parou junto do caçador e começou a comer devagarinho o cano da espingarda.

A VIRGEM MARIA

O oficial do registro civil, o coletor de impostos, o mordomo da Santa Casa e o administrador do cemitério de S. João Batista Cavaram com enxadas Com pás

Com as unhas

Com os dentes

Cavaram uma cova mais funda que o meu suspiro de renúncia Depois me botaram lá dentro E puseram por cima As Tábuas da Lei Mas de lá de dentro do fundo da treva do chão da cova Eu ouvia a vozinha da Virgem Maria Dizer que fazia sol lá fora Dizer i n s i s t e n t e m e n t e Que fazia sol lá fora.

O MAJOR

O major morreu.
Reformado.
Veterano da guerra do Paraguai.
Herói da ponte do Itororó.

Não quis honras militares.
Não quis discursos.

Apenas
À hora do enterro
O corneteiro de um batalhão de linha
Deu à boca do túmulo
O toque de silêncio.

ANDORINHA

Andorinha lá fora está dizendo:

– “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

Passei a vida à toa, à toa...

PROFUNDAMENTE

Quando ontem adormeci Na noite de São João Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala Vozes cantigas e risos Ao pé das
fogueiras acesas.

No meio da noite despertei Não ouvi mais vozes nem risos Apenas balões
Passavam errantes Silenciosamente
Apenas de vez em quando O ruído de um bonde Cortava o silêncio Como um
túnel.
Onde estavam os que há pouco Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

– Estavam todos dormindo Estavam todos deitados Dormindo
Profundamente

*

Quando eu tinha seis anos Não pude ver o fim da festa de São João Porque
adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo Minha avó

Meu avô

Totônio Rodrigues Tomásia

Rosa

Onde estão todos eles?

– Estão todos dormindo Estão todos deitados Dormindo
Profundamente.

MADRIGAL TÃO ENGRAÇADINHO

Teresa você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida, inclusive o porquinho-da-índia que me deram quando eu tinha seis anos.

NOTURNO DA PARADA AMORIM

O violoncelista estava a meio do Concerto de Schumann Subitamente o coronel ficou transportado e começou a gritar: – *Je vois des anges! Je vois des anges!* – E deixou-se escorregar sentado pela escada abaixo.

O telefone tilintou.

Alguém chamava?... Alguém pedia socorro?...

Mas do outro lado não vinha senão o rumor de um pranto desesperado!...

(Eram três horas.

Todas as agências postais estavam fechadas.

Dentro da noite a voz do coronel continuava gritando: – *Je vois des anges! Je vois des anges!*)

NOTURNO DA RUA DA LAPA

A janela estava aberta. Para o quê, não sei, mas o que entrava era o vento dos lupanares, de mistura com o eco que se partia nas curvas cicloidais, e fragmentos do hino da bandeira.

Não posso atinar no que eu fazia: se meditava, se morria de espanto ou se vinha de muito longe.

Nesse momento (oh! por que precisamente nesse momento?...) é que penetrou no quarto o bicho que voava, o articulado implacável, implacável!

Compreendi desde logo não haver possibilidade alguma de evasão. Nascer de novo também não adiantava. – A bomba de flit! pensei comigo, é um inseto!

Quando o jacto fumigatório partiu, nada mudou em mim; os sinos da redenção continuaram em silêncio; nenhuma porta se abriu nem fechou. Mas o monstruoso animal FICOU MAIOR. Senti que ele não morreria nunca mais, nem sairia, conquanto não houvesse no aposento nenhum busto de Palas, nem na minh'alma, o que é pior, a recordação persistente de alguma extinta Lenora.

IRENE NO CÉU

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

– Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

NAMORADOS

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse: – Antônio, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

– Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listada?

A moça se lembrava:

– A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura: – Antônio, você parece uma lagarta listada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

– Antônio, você é engraçada! Você parece louca.

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei Vou-me embora pra
Pasárgada Vou-me embora pra Pasárgada Aqui eu não sou feliz Lá a existência é
uma aventura De tal modo inconsequente Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente Vem a ser contraparente Da nora que nunca tive E
como farei ginástica Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo Subirei no pau de sebo Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado Deito na beira do rio Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias Que no tempo de eu menino Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada Em Pasárgada tem tudo É outra civilização
Tem um processo seguro De impedir a concepção Tem telefone automático
Tem alcaide à vontade Tem prostitutas bonitas Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste Mas triste de não ter jeito Quando de noite me
der Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei – Terei a mulher que eu quero Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

O IMPOSSÍVEL CARINHO

Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo
Quero apenas contar-te a minha ternura
Ah se em troca de tanta felicidade que me dás
Eu te pudesse repor
– Eu soubesse repor –
No coração despedaçado
As mais puras alegrias de tua infância!

POEMA DE FINADOS

Amanhã que é dia dos mortos Vai ao cemitério. Vai
E procura entre as sepulturas A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho: O filho tem mais precisão.

O que resta de mim na vida É a amargura do que sofri.
Pois nada quero, nada espero.
E em verdade estou morto ali.

O ÚLTIMO POEMA

Assim eu queria o meu último poema

Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

ESTRELA DA MANHÃ

ESTRELA DA MANHÃ

Eu quero a estrela da manhã Onde está a estrela da manhã?

Meus amigos meus inimigos Procurem a estrela da manhã Ela desapareceu ia nua Desapareceu com quem?

Procurem por toda parte Digam que sou um homem sem orgulho Um homem que aceita tudo Que me importa?

Eu quero a estrela da manhã Três dias e três noites Fui assassino e suicida Ladrão, pulha, falsário Virgem malsexuada

Atribuladora dos aflitos Girafa de duas cabeças Pecai por todos pecai com todos Pecai com os malandros Pecai com os sargentos Pecai com os fuzileiros navais Pecai de todas as maneiras Com os gregos e com os troianos Com o padre e com o sacristão Com o leproso de Pouso Alto Depois comigo

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples Que tu desfalecerás

Procurem por toda parte Pura ou degradada até a última baixeza Eu quero a estrela da manhã.

CANÇÃO DAS DUAS ÍNDIAS

Entre estas Índias de leste E as Índias ocidentais Meu Deus que distância
enorme Quantos Oceanos Pacíficos Quantos bancos de corais Quantas frias
latitudes!

Ilhas que a tormenta arrasa Que os terremotos subvertem Desoladas
Marambaias

Sirtes sereias Medeias Púbis a não poder mais Altos como a estrela-d'alva
Longínquos como Oceanias – Brancas, sobrenaturais – Oh inacessíveis
praias!...

POEMA DO BECO

Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?
– O que eu vejo é o beco.

1933

BALADA DAS TRÊS MULHERES DO SABONETE ARAXÁ

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam, me hipnotizam.

Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Que outros, não eu, a pedra cortem Para brutais vos adorarem,

Ó brancaranas azedas,

Mulatas cor da lua vem saindo cor de prata Ou celestes africanas:

Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete Araxá!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá?

São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?

São as três Marias?

Meu Deus, serão as três Marias?

A mais nua é doirada borboleta.

Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e nunca mais telefonava.

Mas se a terceira morresse... Oh, então, nunca mais a minha vida outrora teria sido um festim!

Se me perguntassem: Queres ser estrela? queres ser rei? queres uma ilha no Pacífico? um bangalô em Copacabana?

Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as três mulheres do sabonete Araxá: O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Teresópolis, 1931

A FILHA DO REI

Aquela cor de cabelos Que eu vi na filha do rei – Mas vi tão subitamente – Será
a mesma cor da axila, Do maravilhoso pente?

Como agora o saberei?

Vi-a tão subitamente!

Ela passou como um raio: Só vi a cor dos cabelos.

Mas o corpo, a luz do corpo?...

Como seria o seu corpo?...

Jamais o conhecerei!

CANTIGA

Nas ondas da praia
Nas ondas do mar
Quero ser feliz
Quero me afogar.

Nas ondas da praia
Quem vem me beijar?
Quero a estrela-d'alva
Rainha do mar.

Quero ser feliz
Nas ondas do mar
Quero esquecer tudo
Quero descansar.

MARINHEIRO TRISTE

Marinheiro triste Que voltas para bordo Que pensamentos são Esses que te ocupam?

Alguma mulher

Amante de passagem Que deixaste longe Num porto de escala?

Ou tua amargura Tem outras raízes Largas fraternais Mais nobres mais fundas?

Marinheiro triste De um país distante Passaste por mim Tão alheio a tudo Que nem pressentiste

Marinheiro triste A onda viril
De fraterno afeto Em que te envolvi.

Ias triste e lúcido Antes melhor fora Que voltasses bêbedo Marinheiro triste!

E eu que para casa Vou como tu vais Para o teu navio, Feroz casco sujo
Amarrado ao cais, Também como tu Marinheiro triste Vou lúcido e triste.

Amanhã terás

Depois que partires O vento do largo O horizonte imenso O sal do mar alto!

Mas eu, marinheiro?

– Antes melhor fora Que voltasse bêbedo!

BOCA DE FORNO

Cara de cobra, Cobra!
Olhos de louco, Louca!

Testa insensata Nariz Capeto Cós do Capeta Donzela rouca Porta-estandarte
Joia boneca De maracatu!

Pelo teu retrato Pela tua cinta Pela tua carta Ah tô tô meu santo Eh Abaluaê
Inhansá boneca De maracatu!

No fundo do mar Há tanto tesouro!
No fundo do céu Há tanto suspiro!
No meu coração Tanto desespero!

Ah tô tô meu pai Quero me rasgar Quero me perder!

Cara de cobra, Cobra!
Olhos de louco, Louca!
Cussaruim boneca De maracatu!

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Fiz tantos versos a Teresinha...
Versos tão tristes, nunca se viu!
Pedi-lhe coisas. O que eu pedia Era tão pouco! Não era glória...
Nem era amores... Nem foi dinheiro...
Pedia apenas mais alegria:
Santa Teresa nunca me ouviu!

Para outras santas voltei os olhos.
Porém as santas são impassíveis Como as mulheres que me enganaram.
Desenganei-me das outras santas (Pedi a muitas, rezei a tantas) Até que um dia
me apresentaram A Santa Rita dos Impossíveis.

Fui despachado de mãos vazias!
Dei volta ao mundo, tentei a sorte.
Nem alegrias mais peço agora, Que eu sei o avesso das alegrias.
Tudo que viesse, viria tarde!
O que na vida procurei sempre, – Meus impossíveis de Santa Rita, – Dar-me-
eis um dia, não é verdade?
Nossa Senhora da Boa Morte!

MOMENTO NUM CAFÉ

Quando o enterro passou

Os homens que se achavam no café Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos Estavam todos voltados para a vida Absortos na
vida

Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado Olhando o esquife
longamente Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade Que a
vida é traição

E saudava a matéria que passava Liberta para sempre da alma extinta.

CONTRIÇÃO

Quero banhar-me nas águas límpidas Quero banhar-me nas águas puras Sou a
mais baixa das criaturas Me sinto sórdido

Confiei às feras as minhas lágrimas Rolei de borco pelas calçadas Cobri meu
rosto de bofetadas Meu Deus valei-me

Vozes da infância contai a história Da vida boa que nunca veio E eu caia
ouvindo-a no calmo seio Da eternidade.

SACHA E O POETA

Quando o poeta aparece, Sacha levanta os olhos claros, Onde a surpresa é o sol
que vai nascer.

O poeta a seguir diz coisas incríveis, Desce ao fogo central da Terra, Sobe na
ponta mais alta das nuvens, Faz gurugutu pif paf, Dança de velho,
Vira Exu.
Sacha sorri como o primeiro arco-íris.

O poeta estende os braços, Sacha vem com ele.

A serenidade voltou de muito longe.

Que se passou do outro lado?

Sacha mediunizada

– Ah-pa-papapá-papá – Transmite em Morse ao poeta A última mensagem dos
Anjos.

JACQUELINE

Jacqueline morreu menina.

Jacqueline morta era mais bonita do que os anjos.

Os anjos!... Bem sei que não os há em parte alguma.

Há é mulheres extraordinariamente belas que morrem ainda meninas.

Houve tempo em que olhei para os teus retratos de menina como olho agora para a pequena imagem de Jacqueline morta.

Eras tão bonita!

Eras tão bonita, que merecerias ter morrido na idade de Jacqueline – Pura como Jacqueline.

D. JANAÍNA

D. Janaína

Sereia do mar D. Janaína

De maiô encarnado D. Janaína

Vai se banhar.

D. Janaína

Princesa do mar D. Janaína

Tem muitos amores É o rei do Congo É o rei de Aloanda É o sultão dos matos
É S. Salavá!

Saravá saravá D. Janaína

Rainha do mar!

D. Janaína

Princesa do mar Dai-me licença Pra eu também brincar No vosso reinado.

TREM DE FERRO

Café com pão Café com pão Café com pão Virge Maria que foi isto
maquinista?

Agora sim

Café com pão Agora sim

Voa, fumaça Corre, cerca Ai seu foguista Bota fogo

Na fornalha Que eu preciso Muita força Muita força Muita força Oô...

Foge, bicho Foge, povo

Passa ponte Passa poste Passa pasto Passa boi

Passa boiada Passa galho De ingazeira Debruçada

No riacho

Que vontade De cantar!

Oô...

Quando me prendero No canaviá

Cada pé de cana Era um oficiá Oô...

Menina bonita Do vestido verde Me dá tua boca Pra matá minha sede Oô...

Vou mimbora vou mimbora Não gosto daqui Nasci no sertão Sou de Ouricuri

Oô...

Vou depressa Vou correndo Vou na toda Que só levo Pouca gente Pouca gente
Pouca gente...

TRAGÉDIA BRASILEIRA

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade,

Conheceu Maria Elvira na Lapa – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Rondó dos Cavalinhos

Os cavalinhos correndo, E nós, cavalões, comendo...
Tua beleza, Esmeralda, Acabou me enlouquecendo.

Os cavalinhos correndo, E nós, cavalões, comendo...
O sol tão claro lá fora, E em minh'alma – anoitecendo!

Os cavalinhos correndo, E nós, cavalões, comendo...
Alfonso Reyes partindo, E tanta gente ficando...

Os cavalinhos correndo, E nós, cavalões, comendo...
A Itália falando grosso, A Europa se avacalhando...

Os cavalinhos correndo, E nós, cavalões, comendo...
O Brasil politicando, Nossa! A poesia morrendo...
O sol tão claro lá fora, O sol tão claro, Esmeralda, E em minh'alma –
anoitecendo!

FLORES MURCHAS

Pálidas crianças Mal desabrochadas Na manhã da vida!
Tristes asiladas Que pendeis cansadas Como flores murchas!

Pálidas crianças Que me recordais Minhas esperanças!

Pálidas meninas
Sem amor de mãe, Pálidas meninas
Uniformizadas,
Quem vos arrancara Dessas vestes tristes Onde a caridade
Vos amortalkhou!

Pálidas meninas
Sem olhar de pai, Ai quem vos dissera, Ai quem vos gritara: – Anjos, debandai!

Mas ninguém vos diz Nem ninguém vos dá Mais que o olhar de pena Quando
desfilais, Açucenas murchas, Procissão de sombras!

Ao cair da tarde Vós me recordais – Ó meninas tristes! – Minhas esperanças!
Minhas esperanças – Meninas cansadas, Pálidas crianças A quem ninguém diz:
– Anjos, debandai!...

A ESTRELA E O ANJO

Vésper caiu cheia de pudor na minha cama Vésper em cuja ardência não havia
a menor parcela de sensualidade Enquanto eu gritava o seu nome três vezes
Dois grandes botões de rosa murcharam

E o meu anjo da guarda ficou-se de mãos postas no desejo insatisfeito de
Deus.

LIRA DOS CINQUENT'ANOS

OURO PRETO

Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada Ribeirão trepidante e de cada recosto

De montanha o metal rolou na cascalhada Para o fausto d'El-Rei, para a glória do imposto.

Que resta do esplendor de outrora? Quase nada: Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto.

Esta agência postal era a Casa de Entrada...

Este escombro foi um solar... Cinza e desgosto!

O bandeirante decaiu – é funcionário.

Último sabedor da crônica estupenda,

Chico Diogo escarnece o último visionário.

E avulta apenas, quando a noite de mansinho Vem, na pedra-sabão lavrada como renda, – Sombra descomunal, a mão do Aleijadinho!

O MARTELO

As rodas rangem na curva dos trilhos Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em todas as casas que habitei.

Dentro da noite
No cerne duro da cidade Me sinto protegido.
Do jardim do convento Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar Ouvirei o martelo do ferreiro Bater corajoso o
seu cântico de certezas.

MAÇÃ

Por um lado te vejo como um seio murcho Pelo outro como um ventre de cujo
umbigo pende ainda o cordão placentário És vermelha como o amor divino
Dentro de ti em pequenas pevides Palpita a vida prodigiosa Infinitamente

E quedas tão simples Ao lado de um talher Num quarto pobre de hotel.

Petrópolis, 25-2-1938

COSSANTE

Ondas da praia onde vos vi, Olhos verdes sem dó de mim, Ai Avatlântica!

Ondas da praia onde morais, Olhos verdes intersexuais.
Ai Avatlântica!

Olhos verdes sem dó de mim, Olhos verdes, de ondas sem fim, Ai Avatlântica!

Olhos verdes, de ondas sem dó, Por quem me rompo, exausto e só, Ai Avatlântica!

Olhos verdes, de ondas sem fim, Por quem jurei de vos possuir, Ai Avatlântica!

Olhos verdes sem lei nem rei Por quem juro vos esquecer, Ai Avatlântica!

CANTAR DE AMOR

*Quer'eu en maneyra de proençal
Fazer agora hum cantar d'amor...*

D. Dinis

Mha senhor, com'oje dia son, Atan cuitad'e sen cor assi!

E par Deus non sei que farei i, Ca non dormho á mui gran sazón.

Mha senhor, ai meu lum'e meu ben, Meu coração non sei o que
ten.

Noit'e dia no meu coração

Nulha ren se non a morte vi, E pois tal coita non mereci, Moir'eu logo, se
Deus mi perdon.

Mha senhor, ai meu lum'e meu ben, Meu coração non sei o que
ten.

Des oimais o viver m'é prison: Grave di'aquel en que naci!

Mha senhor, ai rezade por mi, Ca perç'o sen e perç'a razón.

Mha senhor, ai meu lum'e meu ben, Meu coração non sei o que
ten.

VERSOS DE NATAL

Espelho, amigo verdadeiro, Tu refletas as minhas rugas, Os meus cabelos brancos, Os meus olhos míopes e cansados.

Espelho, amigo verdadeiro, Mestre do realismo exato e minucioso, Obrigado, obrigado!

Mas se fosses mágico,

Penetrarias até ao fundo desse homem triste, Descobririas o menino que sustenta esse homem, O menino que não quer morrer, Que não morrerá senão comigo, O menino que todos os anos na véspera do Natal Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta.

1939

SONETO ITALIANO

Frescura das sereias e do orvalho, Graça dos brancos pés dos pequeninos, Voz das manhãs cantando pelos sinos, Rosa mais alta no mais alto galho: De quem me valerei, se não me valho De ti, que tens a chave dos destinos Em que arderam meus sonhos cristalinos Feitos cinza que em pranto ao vento espalho?

Também te vi chorar... Também sofreste A dor de ver secarem pela estrada As fontes da esperança... E não cedeste!

Antes, pobre, despida e trespassada, Soubeste dar à vida, em que morreste, Tudo, – à vida, que nunca te deu nada!

28 de janeiro de 1939

SONETO INGLÊS Nº 1

Quando a morte cerrar meus olhos duros – Duros de tantos vãos
padecimentos, Que pensarão teus peitos imaturos Da minha dor de todos os
momentos?

Vejo-te agora alheia, e tão distante: Mais que distante – isenta. E bem prevejo,
Desde já bem prevejo o exato instante Em que de outro será não teu desejo,
Que o não terás, porém teu abandono, Tua nudez! Um dia hei de ir embora
Adormecer no derradeiro sono.

Um dia chorarás... Que importa? Chora.

Então eu sentirei muito mais perto De mim feliz, teu coração
incerto.

1940

SONETO INGLÊS Nº 2

Aceitar o castigo imerecido,
Não por fraqueza, mas por altivez.
No tormento mais fundo o teu gemido Trocar num grito de ódio a quem o fez.
As delícias da carne e pensamento Com que o instinto da espécie nos engana
Sobpor ao generoso sentimento De uma afeição mais simplesmente humana.
Não tremer de esperança nem de espanto.
Nada pedir nem desejar, senão A coragem de ser um novo santo Sem fé num
mundo além do mundo. E então Morrer sem uma lágrima, que a vida Não vale
a pena e a dor de ser vivida.

ÁGUA-FORTE

O preto no branco, O pente na pele: Pássaro espalmado No céu quase branco.

Em meio do pente, A concha bivalve Num mar de escarlata.

Concha, rosa ou tâmara?

No escuro recesso, As fontes da vida A sangrar inúteis Por duas feridas.

Tudo bem oculto

Sob as aparências Da água-forte simples: De face, de flanco, O preto no branco.

A MORTE ABSOLUTA

Morrer.

Morrer de corpo e de alma.

Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da carne, A exangue máscara de cera,

Cercada de flores,

Que apodrecerão – felizes! – num dia, Banhada de lágrimas

Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...

A caminho do céu?

Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra, A lembrança de uma
sombra Em nenhum coração, em nenhum pensamento, Em nenhuma
epiderme.

Morrer tão completamente Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: “Quem foi?...”

Morrer mais completamente ainda, – Sem deixar sequer esse nome.

A ESTRELA

Vi uma estrela tão alta, Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância Para a minha companhia Não baixava aquela estrela?
Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda Responder que assim fazia Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia.

MOZART NO CÉU

No dia 5 de dezembro de 1791 Wolfgang Amadeus Mozart entrou no céu, como um artista de circo, fazendo piruetas extraordinárias sobre um mirabolante cavalo branco.

Os anjinhos atônitos diziam: Que foi? Que não foi?

Melodias jamais ouvidas voavam nas linhas suplementares superiores da pauta.

Um momento se suspendeu a contemplação inefável.

A Virgem beijou-o na testa

E desde então Wolfgang Amadeus Mozart foi o mais moço dos anjos.

CANÇÃO DA PARADA DO LUCAS

Parada do Lucas – O trem não parou.

Ah, se o trem parasse Minha alma incendiada Pediria à Noite Dois seios intactos.

Parada do Lucas – O trem não parou.

Ah, se o trem parasse Eu iria aos mangues Dormir na escuridão Das águas defuntas.

Parada do Lucas – O trem não parou.

Nada aconteceu Senão a lembrança Do crime espantoso Que o tempo engoliu.

CANÇÃO DO VENTO E DA MINHA VIDA

O vento varria as folhas, O vento varria os frutos, O vento varria as flores...
E a minha vida ficava Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

O vento varria as luzes O vento varria as músicas, O vento varria os aromas...
E a minha vida ficava Cada vez mais cheia
De aromas, de estrelas, de cânticos.

O vento varria os sonhos E varria as amizades...
O vento varria as mulheres.
E a minha vida ficava Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava Cada vez mais cheia
De tudo.

CANÇÃO DE MUITAS MARIAS

Uma, duas, três Marias, Tira o pé da noite escura.
Se uma Maria é demais, Duas, três, que não seria?

Uma é Maria da Graça, Outra é Maria Adelaide: Uma tem o pai pau-d'água,
Outra tem o pai alcaide.

A terceira é tão distante, Que só vendo por binóculo.
Essa é Maria das Neves, Que chora e sofre do fígado!

Há mais Marias na terra.
Tantas que é um não acabar, – Mais que as estrelas no céu, Mais que as folhas
na floresta, Mais que as areias no mar!

Por uma saltei de vara, Por outra estudei tupi.
Mas a melhor das Marias Foi aquela que eu perdi.

Essa foi a Mária Cândida (Mária digam por favor), Minha Maria enfermeira,
Tão forte e morreu de gripe, Tão pura e não teve sorte, Maria do meu amor.

E depois dessa Maria, Que foi cândida no nome, Cândida no coração;
Que em vida foi a das Dores, E hoje é Maria do Céu: Não cantarei mais
nenhuma, Que a minha lira estalou, Que a minha lira morreu!

RONDO DO CAPITÃO

Bão balalão,
Senhor capitão, Tirai este peso Do meu coração.
Não é de tristeza, Não é de aflição: É só de esperança, Senhor capitão!
A leve esperança, A aérea esperança...
Aérea, pois não!
– Peso mais pesado Não existe não.
Ah, livrai-me dele, Senhor capitão!

8 de outubro de 1940

ÚLTIMA CANÇÃO DO BECO

Beco que cantei num dístico Cheio de elipses mentais, Beco das minhas tristezas, Das minhas perplexidades (Mas também dos meus amores, Dos meus beijos, dos meus sonhos), Adeus para nunca mais!

Vão demolir esta casa.

Mas meu quarto vai ficar, Não como forma imperfeita Neste mundo de aparências: Vai ficar na eternidade, Com seus livros, com seus quadros, Intacto, suspenso no ar!

Beco de sarças de fogo, De paixões sem amanhãs, Quanta luz mediterrânea No esplendor da adolescência Não recolheu nestas pedras O orvalho das madrugadas, A pureza das manhãs!

Beco das minhas tristezas.

Não me envergonhei de ti!

Foste rua de mulheres?

Todas são filhas de Deus!

Dantes foram carmelitas...

E eras só de pobres quando, Pobre, vim morar aqui.

Lapa – Lapa do Desterro –, Lapa que tanto pecais!

(Mas quando bate seis horas, Na primeira voz dos sinos, Como na voz que anunciava A conceição de Maria, Que graças angelicais!) Nossa Senhora do Carmo, De lá de cima do altar, Pede esmolas para os pobres, – Para mulheres tão tristes, Para mulheres tão negras, Que vêm nas portas do templo De noite se agasalhar.

Beco que nasceste à sombra De paredes conventuais, És como a vida, que é santa Pesar de todas as quedas.

Por isso te amei constante E canto para dizer-te Adeus para nunca mais!

25 de março de 1942

BELO BELO

Belo belo belo,
Tenho tudo quanto quero.

Tenho o fogo de constelações extintas há milênios.
E o risco brevíssimo – que foi? passou! – de tantas estrelas cadentes.

A aurora apaga-se,
E eu guardo as mais puras lágrimas da aurora.

O dia vem, e dia adentro Continuo a possuir o segredo grande da noite.

Belo belo belo,
Tenho tudo quanto quero.

Não quero o êxtase nem os tormentos.
Não quero o que a terra só dá com trabalho.

As dádivas dos anjos são inaproveitáveis: Os anjos não compreendem os homens.

Não quero amar,
Não quero ser amado.

Não quero combater,
Não quero ser soldado.

– Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples.

ACALANTO DE JOHN TALBOT

Dorme, meu filhinho,
Dorme sossegado.
Dorme, que a teu lado
Cantarei baixinho.
O dia não tarda...
Vai amanhecer:
Como é frio o ar!
O anjinho da guarda
Que o Senhor te deu,
Pode adormecer,
Pode descansar,
Que te guardo eu.

8 de agosto de 1942

TESTAMENTO

O que não tenho e desejo É que melhor me enriquece.

Tive uns dinheiros – perdi-os...

Tive amores – esqueci-os.

Mas no maior desespero Rezei: ganhei essa prece.

Vi terras da minha terra.

Por outras terras andei.

Mas o que ficou marcado No meu olhar fatigado, Foram terras que inventei.

Gosto muito de crianças: Não tive um filho de meu.

Um filho!... Não foi de jeito...

Mas trago dentro do peito Meu filho que não nasceu.

Criou-me, desde eu menino, Para arquiteto meu pai.

Foi-se-me um dia a saúde...

Fiz-me arquiteto? Não pude!

Sou poeta menor, perdoai!

Não faço versos de guerra.

Não faço porque não sei.

Mas num torpedo-suicida Darei de bom grado a vida Na luta em que não lutei!

29 de janeiro de 1943

GAZAL EM LOUVOR DE HAFIZ

Escuta o gazal que fiz, Darling, em louvor de Hafiz: – Poeta de Chiraz, teu verso Tuas mágoas e as minhas diz.

Pois no mistério do mundo Também me sinto infeliz.

Falaste: “Amarei constante Aquela que não me quis.”

E as filhas de Samarcanda, Cameleiros e sufis Ainda repetem os cantos Em que choras e sorris.

As bem-amadas ingratas, São pó; tu, vives, Hafiz!

Petrópolis, 1943

UBIQUIDADE

Estás em tudo que penso, Estás em quanto imagino: Estás no horizonte imenso, Estás no grão pequenino.

Estás na ovelha que pasce, Estás no rio que corre: Estás em tudo que nasce, Estás em tudo que morre.

Em tudo estás, nem repousas, Ó ser tão mesmo e diverso!
(Eras no início das cousas, Serás no fim do universo.) Estás na alma e nos sentidos.

Estás no espírito, estás Na letra, e, os tempos cumpridos, No céu, no céu estarás.

Petrópolis, 11-3-1943

PISCINA

Que silêncio enorme!
Na piscina verde Gorgoleja trépida A água da carranca.

Só a lua se banha – Lua gorda e branca – Na piscina verde.
Como a lua é branca!

Corre um arrepio Silenciosamente
Na piscina verde: Lua ela não quer.

Ah o que ela quer A piscina verde
É o corpo queimado De certa mulher
Que jamais se banha Na espadana branca Da água da carranca.

Petrópolis, 25-3-1943

PEREGRINAÇÃO

O córrego é o mesmo,
Mesma, aquela árvore,
A casa, o jardim.

Meus passos a esmo
(Os passos e o espírito)
Vão pelo passado,
Ai tão devastado,
Recolhendo triste
Tudo quanto existe
Ainda ali de mim
– Mim daqueles tempos!

Petrópolis, 12-3-1943

EU VI UMA ROSA

Eu vi uma rosa

– Uma rosa branca – Sozinha no galho.

No galho? Sozinha No jardim, na rua.

Sozinha no mundo.

Em torno, no entanto, Ao sol de mei-dia, Toda a natureza Em formas e cores E
sons esplendia.

Tudo isso era excesso.

A graça essencial, Mistério inefável – Sobrenatural – Da vida e do mundo,
Estava ali na rosa Sozinha no galho.

Sozinha no tempo.

Tão pura e modesta, Tão perto do chão, Tão longe na glória Da mística altura,
Dir-se-ia que ouvisse Do arcanjo invisível As palavras santas De outra
Anunciação.

Petrópolis, 1943

VELHA CHÁCARA

A casa era por aqui...

Onde? Procuro-a e não acho.

Ouçó uma voz que esqueci: É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!

(Foram mais de cinquenta anos.) Tantos que a morte levou!

(E a vida... nos desenganos...) A usura fez tábua rasa Da velha chácara triste:

Não existe mais a casa...

– Mas o menino ainda existe.

CARTA DE BRASÃO

Escudo vermelho nele uma Bandeira Quadrada de ouro E nele um leão rompente Azul, armado.

Língua, dentes e unhas de vermelho.

E a haste da Bandeira de ouro.

E a bandeira com um filete de prata Em quadra.

Paquife de prata e azul.

Elmo de prata cerrado Guarnecido de ouro.

E a mesma bandeira por timbre.

Esta é a minha carta de brasão.

Por isso teu nome Não chamarei mais Rosa, Teresa ou Esmeralda: Teu nome chamarei agora Candelária.

22-6-1943

BELO BELO

BRISA

Vamos viver no Nordeste, Anarina.

Deixarei aqui meus amigos, meus livros, minhas riquezas, minha vergonha.

Deixarás aqui tua filha, tua avó, teu marido, teu amante.

Aqui faz muito calor.

No Nordeste faz calor também.

Mas lá tem brisa:

Vamos viver de brisa, Anarina.

POEMA SÓ PARA JAIME OVALLE

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro (Embora a manhã já estivesse avançada).

Chovia.

Chovia uma triste chuva de resignação Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.

Então me levantei,

Bebi o café que eu mesmo preparei, Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...

– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

ESCUSA

Eurico Alves, poeta baiano, Salpicado de orvalho, leite cru e tenro cocô de cabrito, Sinto muito, mas não posso ir a Feira de Sant'Ana.

Sou poeta da cidade.

Meus pulmões viraram máquinas inumanas e aprenderam a respirar o gás carbônico das salas de cinema.

Como o pão que o diabo amassou.

Bebo leite de lata.

Falo com A., que é ladrão.

Aperto a mão de B., que é assassino.

Há anos que não vejo romper o sol, que não lavo os olhos nas cores das madrugadas.

Eurico Alves, poeta baiano, Não sou mais digno de respirar o ar puro dos currais da roça.

TEMA E VOLTAS

Mas para quê
Tanto sofrimento, Se nos céus há o lento Deslizar da noite?

Mas para quê
Tanto sofrimento, Se lá fora o vento É um canto na noite?

Mas para quê
Tanto sofrimento, Se agora, ao relento, Cheira a flor da noite?

Mas para quê
Tanto sofrimento, Se o meu pensamento É livre na noite?

CANTO DE NATAL

O nosso menino Nasceu em Belém.
Nasceu tão somente Para querer bem.

Nasceu sobre as palhas O nosso menino.
Mas a mãe sabia Que ele era divino.

Vem para sofrer A morte na cruz, O nosso menino.
Seu nome é Jesus.

Por nós ele aceita O humano destino: Louvemos a glória De Jesus menino.

SEXTILHAS ROMÂNTICAS

Paisagens da minha terra, Onde o rouxinol não canta – Mas que importa o rouxinol?

Frio, nevoeiros da serra Quando a manhã se levanta Toda banhada de sol!

Sou romântico? Concedo.

Exibo, sem evasiva,

A alma ruim que Deus me deu.

Decorei “Amor e medo”, “No lar”, “Meus oito anos”... Viva José Casimiro Abreu!

Sou assim, por vício inato.

Ainda hoje gosto de *Diva*, Nem não posso renegar

Peri tão pouco índio, é fato, Mas tão brasileiro... Viva, Viva José de Alencar!

Paisagens da minha terra, Onde o rouxinol não canta – Pinhões para o rouxinol!

Frio, nevoeiros da serra Quando a manhã se levanta Toda banhada de sol!

Ai tantas lembranças boas!

Massangana de Nabuco!

Muribara de meus pais!

Lagoas das Alagoas,

Rios do meu Pernambuco, Campos de Minas Gerais!

17 de março de 1945

IMPROVISO

Cecília, és libérrima e exata Como a concha.
Mas a concha é excessiva matéria, E a matéria mata.

Cecília, és tão forte e tão frágil Como a onda ao termo da luta.
Mas a onda é água que afoga: Tu, não, és enxuta.

Cecília, és, como o ar, Diáfana, diáfana.
Mas o ar tem limites: Tu, quem te pode limitar?

Definição:

Concha, mas de orelha; Água, mas de lágrima; Ar com sentimento.

– Brisa, viração

Da asa de uma abelha.

7 de outubro de 1945

O HOMEM E A MORTE

Romance desentranhado de
“Um retrato da morte” de Fidelino de Figueiredo.

O homem já estava deitado Dentro da noite sem cor.
Ia adormecendo, e nisto À porta um golpe soou.
Não era pancada forte.
Contudo, ele se assustou, Pois nela uma qualquer coisa De pressago adivinhou.
Levantou-se e junto à porta – Quem bate? ele perguntou.
– Sou eu, alguém lhe responde.
– Eu quem? torna. – A Morte sou.
Um vulto que bem sabia Pela mente lhe passou: Esqueleto armado de foice
Que a mãe lhe um dia levou.
Guardou-se de abrir a porta, Antes ao leito voltou, E nele os membros gelados
Cobriu, hirto de pavor.
Mas a porta, manso, manso, Se foi abrindo e deixou Ver – uma mulher ou
anjo?
Figura toda banhada
De suave luz interior.
A luz de quem nesta vida Tudo viu, tudo perdoou.
Olhar inefável como
De quem ao peito o criou.

Sorriso igual ao da amada Que amara com mais amor.
– Tu és a Morte? pergunta.
E o Anjo torna: – A Morte sou!
Venho trazer-te descanso Do viver que te humilhou.
– Imaginava-te feia,
Pensava em ti com terror...
És mesmo a Morte? ele insiste.
– Sim, torna o Anjo, a Morte sou, Mestra que jamais engana, A tua amiga
melhor.
E o Anjo foi-se aproximando, A fronte do homem tocou, Com infinita doçura
As magras mãos lhe compôs.
Depois com o maior carinho Os dois olhos lhe cerrou...
Era o carinho inefável De quem ao peito o criou.
Era a doçura da amada
Que amara com mais amor.

7 de dezembro de 1945

LETRA PARA UMA VALSA ROMÂNTICA

A tarde agoniza Ao santo acalanto Da noturna brisa.
E eu, que também morro, Morro sem consolo, Se não vens, Elisa!

Ai nem te humaniza O pranto que tanto Nas faces desliza Do amante que pede
Suplicantemente Teu amor, Elisa!

Ri, desdenha, pisa!
Meu canto, no entanto, Mais te diviniza, Mulher diferente, Tão indiferente,
Desumana Elisa!

NO VOSSO E EM MEU CORAÇÃO

Espanha no coração:

No coração de Neruda, No vosso e em meu coração.

Espanha da liberdade, Não a Espanha da opressão.

Espanha republicana: A Espanha de Franco, não!

Velha Espanha de Pelaio, Do Cid, do Grã-Capitão!

Espanha de honra e verdade, Não a Espanha da traição!

Espanha de Dom Rodrigo, Não a do Conde Julião!

Espanha republicana: A Espanha de Franco, não!

Espanha dos grandes místicos, Dos santos poetas, de João Da Cruz, de Teresa de Ávila E de Frei Luís de Leão!

Espanha da livre crença, Jamais a da Inquisição!

Espanha de Lope e Góngora, De Goia e Cervantes, não A de Filipe Segundo
Nem Fernando, o balandrão!

Espanha que se batia Contra o corso Napoleão!

Espanha da liberdade: A Espanha de Franco, não!

Espanha republicana, Noiva da revolução!

Espanha atual de Picasso, De Casals, de Lorca, irmão Assassinado em Granada!

Espanha no coração

De Pablo Neruda, Espanha No vosso e em meu coração!

A MÁRIO DE ANDRADE AUSENTE

Anunciaram que você morreu.

Meus olhos, meus ouvidos testemunham: A alma profunda, não.

Por isso não sinto agora a sua falta.

Sei bem que ela virá

(Pela força persuasiva do tempo).

Virá súbito um dia,

Inadvertida para os demais.

Por exemplo assim:

À mesa conversarão de uma coisa e outra, Uma palavra lançada à toa Baterá na franja dos lutos de sangue, Alguém perguntará em que estou pensando, Sorrirei sem dizer que em você Profundamente.

Mas agora não sinto a sua falta.

(É sempre assim quando o ausente Partiu sem se despedir: Você não se despediu.) Você não morreu: ausentou-se.

Direi: Faz tempo que ele não escreve.

Irei a São Paulo: você não virá ao meu hotel.

Imaginarei: Está na chacinha de São Roque.

Saberei que não, você ausentou-se. Para outra vida?

A vida é uma só. A sua continua Na vida que você viveu.

Por isso não sinto agora a sua falta.

O LUTADOR

Buscou no amor o bálsamo da vida, Não encontrou senão veneno e morte.
Levantou no deserto a roca-forte Do egoísmo, e a roca em mar foi submergida!

Depois de muita pena e muita lida, De espantoso caçar de toda sorte, Venceu o
monstro de desmedido porte – A ululante Quimera espavorida!

Quando morreu, línguas de sangue ardente, Aleluias de fogo acometiam,
Tomavam todo o céu de lado a lado, E longamente, indefinidamente,
Como um coro de ventos sacudiam Seu grande coração transverberado!

30 de setembro – 1º de outubro de 1945

BELO BELO

Belo belo minha bela Tenho tudo que não quero Não tenho nada que quero
Não quero óculos nem tosse Nem obrigação de voto Quero quero
Quero a solidão dos píncaros A água da fonte escondida A rosa que floresceu
Sobre a escarpa inacessível A luz da primeira estrela Piscando no lusco-fusco
Quero quero
Quero dar a volta ao mundo Só num navio de vela Quero rever Pernambuco
Quero ver Bagdá e Cusco Quero quero
Quero o moreno de Estela Quero a brancura de Elisa Quero a saliva de Bela
Quero as sardas de Adalgisa Quero quero tanta coisa Belo belo
Mas basta de lero-lero Vida noves fora zero.

Petrópolis, fevereiro de 1947

NEOLOGISMO

Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

Petrópolis, 25 de fevereiro de 1947

A REALIDADE E A IMAGEM

O arranha-céu sobe no ar puro lavado pela chuva
E desce refletido na poça de lama do pátio.
Entre a realidade e a imagem, no chão seco que as separa,
Quatro pombas passeiam.

POEMA PARA SANTA ROSA

Pousa na minha a tua mão, protonotária.

O alexandrino, ainda que sem a cesura mediana, aborrece-me.

Depois, eu mesmo já escrevi: Pousa a mão na minha testa.

E Raimundo Correia: “Pousa aqui, pousa ali, etc.”

É Pouso demais. Basta Pouso Alto.

Tão distante e tão presente. Como uma reminiscência da infância.

Pousa na minha a tua mão, protonotária.

Gosto de “protonotária”.

Me lembra meu pai.

E pinta bem a quem eu quero.

Sei que ela vai perguntar: – O que é protonotária?

Responderei:

– Protonotário é o dignitário da Cúria Romana que expede, nas grandes causas, os atos que os simples notários apostólicos expedem nas pequenas.

E ela: – Será o Benedito?

– Meu bem, minha ternura é um fato, mas não gosta de se mostrar: É dentuça e dissimulada.

Santa Rosa me compreende.

Pousa na minha a tua mão, protonotária.

RESPOSTA A VINICIUS

Poeta sou; pai, pouco; irmão, mais.

Lúcido, sim; eleito, não.

E bem triste de tantos ais Que me encham a imaginação.

Com que sonho? Não sei bem não.

Talvez com me bastar, feliz – Ah feliz como jamais fui! –, Arrancando do
coração

– Arrancando pela raiz – Este anseio infinito e vão De possuir o que me possui.

VISITA NOTURNA

Bateram à minha porta,
Fui abrir, não vi ninguém.
Seria a alma da morta?

Não vi ninguém, mas alguém Entrou no quarto deserto E o quarto logo mudou.
Deitei-me na cama, e perto Da cama alguém se sentou.

Seria a sombra da morta?
Que morta? A inocência? A infância?
O que concebido, abortou, Ou o que foi e hoje é só distância?

Pois bendita a que voltou!
Três vezes bendita a morta, Quem quer que ela seja, a morta Que bateu à minha porta.

Rio, dezembro de 1947

JOSÉ CLÁUDIO

Da outra vida,
Moreno,
Olha-me de face,
Com o bonito sorriso Pontual Adoçado pela bondade do nosso avô Costa
Ribeiro.
Olha-me de face,
Bem de face,
Com os olhos leais, Moreno.

Conta-me o que tens visto, Que músicas ouves agora.
Lembras-te ainda do cheiro dos banguês de Pernambuco?
Das tuas correrias de menino pelos descampados da Gávea?
Lembras-te ainda da ponte que construístes sobre o Paraguai?
Do pastoril de Cícero?
Lembras-te ainda das pescarias de Cabo Frio?
(Elas te deram não sei que ar salino e veleiro, Moreno.)

O espanto que nos deixaste!
Como fizeste crescer em nós o mistério augusto da morte!

Todavia,
Não te lamento não: A vida,

Esta vida,
Carlos já disse,
Não presta.
Mas o vazio de quem Eras marido e filho?
– Filho único, Moreno.

O RIO

Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas nos céus, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.

Petrópolis, 1948

NOVA POÉTICA

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Poeta sórdido: Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.

Vai um sujeito, Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o paletó ou a calça de uma nódoa de lama: É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim: Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.

Sei que a poesia é também orvalho.

Mas este fica para as menininhas, as estrelas alfas, as virgens cem por cento e as amadas que envelheceram sem maldade.

19 de maio de 1949

UNIDADE

Minh'alma estava naquele instante Fora de mim longe muito longe Chegaste
E desde logo foi verão

O verão com as suas palmas os seus mormaços os seus ventos de sôfrega
mocidade Debalde os teus afagos insinuavam quebranto e molície O instinto
de penetração já despertado Era como uma seta de fogo Foi então que
minh'alma veio vindo Veio vindo de muito longe Veio vindo

Para de súbito entrar-me violenta e sacudir-me todo No momento fugaz da
unidade.

1948

ARTE DE AMAR

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

AS TRÊS MARIAS

Atrás destas moitas, Nos troncos, no chão, Vi, traçado a sangue, O signosalmão!

Há larvas, há lêmures Atrás destas moitas.
Mulas sem cabeça, Visagens afoitas.

Atrás destas moitas Veio a Moura-Torta Comer as mãozinhas Da menina morta!

Há bruxas luéticas Atrás destas moitas, Segredando à aragem Amorasas coitas.

Atrás destas moitas Vi um rio de fundas Águas deletérias, Paradas, imundas!

Atrás destas moitas...

– Que importa? Irei vê-las!

Regiões mais sombrias Conheço. Sou poeta, Dentro d'alma levo, Levo três estrelas, Levo as três Marias!

Petrópolis, 2 de janeiro de 1950

FLOR DE TODOS OS TEMPOS

Dantes a tua pele sem rugas, A tua saúde
Escondiam o que era Tu mesma.

Aquela que balbuciava Quase inconscientemente: “Podem entrar”.

A que me apertava os dedos Desesperadamente Com medo de morrer.

A menina.

O anjo.

A flor de todos os tempos.

A que não morrerá nunca.

OPUS 10

BOI MORTO

Como em turvas águas de enchente, Me sinto a meio submergido Entre
destroços do presente Dividido, subdividido,
Onde rola, enorme, o boi morto, Boi morto, boi morto, boi morto.

Árvores da paisagem calma, Convosco – altas, tão marginais! – Fica a alma, a
atônita alma, Atônita para jamais.
Que o corpo, esse vai com o boi morto, Boi morto, boi morto, boi morto.

Boi morto, boi descomedido, Boi espantosamente, boi
Morto, sem forma ou sentido Ou significado. O que foi Ninguém sabe. Agora
é boi morto, Boi morto, boi morto, boi morto.

COTOVIA

– Alô, cotovia!

Aonde voaste,

Por onde andaste,

Que tantas saudades me deixaste?

– Andei onde deu o vento.

Onde foi meu pensamento.

Em sítios, que nunca viste, De um país que não existe...

Voltei, te trouxe a alegria.

– Muito contas, cotovia!

E que outras terras distantes Visitaste? Dize ao triste.

– Líbia ardente, Cítia fria, Europa, França, Bahia...

– E esqueceste Pernambuco, Distraída?

– Voei ao Recife, no Cais Pousei da Rua da Aurora.

– Aurora da minha vida, Que os anos não trazem mais!

– Os anos não, nem os dias, Que isso cabe às cotovias.

Meu bico é bem pequenino Para o bem que é deste mundo: Se enche com uma gota de água.

Mas sei torcer o destino, Sei no espaço de um segundo Limpar o pesar mais fundo.

Voei ao Recife, e dos longes Das distâncias, aonde alcança Só a asa da cotovia,
– Do mais remoto e perempto Dos teus dias de criança Te trouxe a extinta esperança, Trouxe a perdida alegria.

TEMA E VARIAÇÕES

Sonhei ter sonhado Que havia sonhado.

Em sonho lembrei-me De um sonho passado: O de ter sonhado Que estava sonhando.

Sonhei ter sonhado...

Ter sonhado o quê?

Que havia sonhado Estar com você.

Estar? Ter estado, Que é tempo passado.

Um sonho presente Um dia sonhei.

Chorei de repente, Pois vi, despertado, Que tinha sonhado.

ELEGIA DE VERÃO

O sol é grande. Ó coisas Todas vãs, todas mudaves!
(Como esse “mudaves”,
Que hoje é “mudáveis”
E já não rima com “aves”).) O sol é grande. Zinem as cigarras Em Laranjeiras.
Zinem as cigarras: zino, zino, zino...
Como se fossem as mesmas Que eu ouvi menino.

Ó verões de antigamente!
Quando o Largo do Boticário Ainda poderia ser tombado.
Carambolas ácidas, quentes de mormaço; Água morna das caixas-d’água
vermelhas de ferrugem; Saibro cintilante...

O sol é grande. Mas, ó cigarras que zinis, Não sois as mesmas que eu ouvi
menino.
Sois outras, não me interessais...

Deem-me as cigarras que eu ouvi menino.

NATAL SEM SINOS

No pátio a noite é sem silêncio.

E que é a noite sem o silêncio?

A noite é sem silêncio e no entanto onde os sinos Do meu Natal sem sinos?

Ah meninos sinos De quando eu menino!

Sinos da Boa Vista e de Santo Antônio.

Sinos do Poço, do Monteiro e da igreja de Boa Viagem.

Outros sinos

Sinos

Quantos sinos No noturno pátio Sem silêncio, ó sinos De quando eu menino, Bimbalhai meninos, Pelos sinos (sinos Que não ouço), os sinos de Santa Luzia.

Rio, 1952

RETRATO

O sorriso escasso, O riso-sorriso,

A risada nunca.

(Como quem consigo Traz o sentimento Do madraço mundo.) Com os braços colados Ao longo do corpo, Vai pela cidade

Grande e cafajeste, Com o mesmo ar esquivo Que escolheu nascendo Na esquiva Itabira.

Aprendeu com ela Os olhos metálicos Com que vê as coisas: Sem ódio, sem ênfase, Às vezes com náusea.

Ferro de Itabira, Em cujos recessos Um vedor, um dia, Um vedor – o neto – Descobriu infante As fundas nascentes, O veio, o remanso Da escusa ternura.

NOTURNO DO MORRO DO ENCANTO

Este fundo de hotel é um fim de mundo!

Aqui é o silêncio que tem voz. O encanto Que deu nome a este morro, põe no fundo De cada coisa o seu cativo canto.

Ouço o tempo, segundo por segundo, Urdir a lenta eternidade. Enquanto Fátima ao pó de estrelas sitibundo Lança a misericórdia do seu manto.

Teu nome é uma lembrança tão antiga, Que não tem som nem cor, e eu, miserando, Não sei mais como o ouvir, nem como o diga.

Falta a morte chegar... Ela me espia Neste instante talvez, mal suspeitando Que já morri quando o que eu fui morria.

Petrópolis, 21-2-1953

OS NOMES

Duas vezes se morre:

Primeiro na carne, depois no nome.

A carne desaparece, o nome persiste mas Esvaziando-se de seu casto conteúdo
– Tantos gestos, palavras, silêncios – Até que um dia sentimos,
Com uma pancada de espanto (ou de remorso?), Que o nome querido já nos
soa como os outros.

Santinha nunca foi para mim o diminutivo de Santa.

Nem Santa nunca foi para mim a mulher sem pecado.

Santinha eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca.

Era a intuição rápida, o medo de tudo, um certo modo de dizer “Meu Deus,
valei-me”.

Adelaide não foi para mim Adelaide somente, Mas Cabeleira de Berenice,
Inominata, Cassiopeia.

Adelaide hoje apenas substantivo próprio feminino.

Os epitáfios também se apagam, bem sei.

Mais lentamente, porém, do que as reminiscências Na carne, menos inviolável
do que a pedra dos túmulos.

Petrópolis, 28-2-1953

CONSOADA

Quando a Indesejada das gentes chegar (Não sei se dura ou caroável), Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga: – Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com os seus sortilégios.) Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

LUA NOVA

Meu novo quarto

Virado para o nascente: Meu quarto, de novo a cavaleiro da entrada da barra.

Depois de dez anos de pátio Volto a tomar conhecimento da aurora.

Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento das madrugadas.

Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir: Hei de aprender com ele A partir de uma vez – Sem medo,

Sem remorso,

Sem saudade.

Não pensem que estou aguardando a lua cheia – Esse sol da demência Vaga e noctâmbula.

O que eu mais quero, O de que preciso

É de lua nova.

Rio, agosto de 1953

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

- Quem me busca a esta hora tardia?
 - Alguém que treme de desejo.
 - Sou teu vale, zéfiro, e aguardo Teu hálito... A noite é tão fria!
 - Meu hálito não, meu bafejo, Meu calor, meu túrgido dardo.
-
- Quando por mais assegurada Contra os golpes de Amor me tinha, Eis que irrompes por mim deiscente...
 - Cântico! Púrpura! Alvorada!
 - Eis que me entras profundamente Como um deus em sua morada!
 - Como a espada em sua bainha.

ORAÇÃO PARA AVIADORES

Santa Clara, clareai Estes ares.
Dai-nos ventos regulares, De feição.
Estes mares, estes ares Clareai.

Santa Clara, dai-nos sol.
Se baixar a cerração, Alumiai
Meus olhos na cerração.
Estes montes e horizontes Clareai.

Santa Clara, no mau tempo Sustentai Nossas asas.
A salvo de árvores, casas E penedos, nossas asas Governai.

Santa Clara, clareai.
Afastai
Todo risco.
Por amor de S. Francisco, Vosso mestre, nosso pai, Santa Clara, todo risco
Dissipai.

Santa Clara, clareai.

ESTRELA DA TARDE

ACALANTO

PARA AS MÃES QUE PERDERAM O SEU MENINO

Dorme, dorme, dorme...

Quem te alisa a testa Não é Malatesta, Nem Pantagruel

– O poeta enorme.

Quem te alisa a testa É aquele que vive Sempre adolescente Nos oásis mais frescos De tua lembrança.

Dorme, ele te nina.

Te nina, te conta – Sabes como é –, Te conta a experiência Do vários passado,
Das várias idades.

Te oferece a aurora Do primeiro riso.

Te oferece o esmalte Do primeiro dente.

A dor passará,

Como antigamente Quando ele chegava.

Dorme... Ele te nina Como se hoje fosses A sua menina.

SATÉLITE

Fim de tarde.

No céu plúmbeo A Lua baça

Paira

Muito cosmograficamente Satélite.

Desmetaforizada, Desmitificada, Despojada do velho segredo de melancolia,

Não é agora o golfão de cismas, O astro dos loucos e dos enamorados.

Mas tão somente Satélite.

Ah Lua deste fim de tarde, Demissionária de atribuições românticas, Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia, Gosto de ti assim: Coisa em si, – Satélite.

OVALLE

Estavas bem mudado.

Como se tivesses posto aquelas barbas brancas Para entrar com maior decoro a Eternidade.

Nada de nós te interessava agora.

Calavas sereno e grave

Como no fundo foste sempre Sob as fantasias verbais enormes Que faziam rir os teus amigos e Punham bondade no coração dos maus.

O padre orava:

– “O coro de todos os anjos te receba...”

Pensei comigo:

Cantando “Estrela brilhante Lá do alto-mar!...”

Levamos-te cansado ao teu último endereço.

Vi com prazer

Que um dia afinal seremos vizinhos.

Conversaremos longamente De sepultura a sepultura No silêncio das madrugadas Quando o orvalho pingar sem ruído E o luar for uma coisa só.

A NINFA

Estranha volta ao lar naquele dia!

Tornava o filho pródigo à paterna Casa, e não via em nada a antiga e terna
Jubilação da instante cotovia.

Antes, em tudo a igual monotonia, Tanto mais flébil quanto mais eterna.

A ninfa estava ali. Que alvor de perna!

Mas, em compensação, como era fria!

Ao vê-la assim, calou-se no passado A voz que nunca ouviu sem que direito
Lhe fosse ao coração. Logo a seu lado Buliu na luz do lar, na luz do leito,
Como um brasão de timbre indecifrado, O ruivo, raro isóscele perfeito.

AD INSTAR DELPHINI

Teus pés são voluptuosos: é por isso Que andas com tanta graça, ó Cassiopeia!
De onde te vem tal chama e tal feitiço, Que dás ideia ao corpo, e corpo à ideia?

Camões, valei-me! Adamastor, Magriço, Dai-me força, e tu, Vênus Citereia,
Essa doçura, esse imortal derriço...
Quero também compor minha epopeia!

Não cantarei Helena e a antiga Troia, Nem as Missões e a nacional Lindoia,
Nem Deus, nem Diacho! Quero, oh por quem és, Flor ou mulher, chave do
meu destino, Quero cantar, como cantou Delfino, As duas curvas de dois
brancos pés!

VITA NUOVA

De onde me veio esse tremor de ninho A alvorecer na morta madrugada?
Era todo o meu ser... Não era nada, Senão na pele a sombra de um carinho.

Ah, bem velho carinho! Um desalinho De dedos tontos no painel da escada...
Batia a minha cor multiplicada,
– Era o sangue de Deus mudado em vinho!

Bandeiras tatalavam no alto mastro Do meu desejo. No fervor da espera
Clareou à distância o súbito alabastro.

E na memória, em nova primavera,
Revivesceu, candente como um astro, A flor do sonho, o sonho da quimera.

VERSOS PARA JOAQUIM

Joaquim, a vontade do Senhor é às vezes difícil de aceitar.

Tanto Simeão desejoso de ouvir o celeste chamado!

Por que então chamar a que estava apenas a meio de sua tarefa?

A indispensável?

A insubstituível?

(Por isso sorri com lágrimas quando te vi, antes da missa, ajeitar o laço de fita nos cabelos de tua caçulinha.) Ah, bem sei, Joaquim, que o teu coração é tão grande quanto o da mãe melhor.

Mas que tristeza! Ela foi demais, estou de mal com Deus.

— Joaquim, a vontade do Senhor é às vezes inaceitável.

VARIAÇÕES SÉRIAS EM FORMA DE SONETO

Vejo mares tranquilos, que repousam, Atrás dos olhos das meninas sérias.
Alto e longe elas olham, mas não ousam Olhar a quem as olha, e ficam sérias.

Nos recantos dos lábios se lhes pousam Uns anjos invisíveis. Mas tão sérias São,
alto e longe, que nem eles ousam Dar um sorriso àquelas bocas sérias.

Em que pensais, meninas, se repousam Os meus olhos nos vossos? Eles ousam
Entrar paragens tristes de tão sérias!

Mas poderei dizer-vos que eles ousam?
Ou vão, por injunções muito mais sérias, Lustrar pecados que jamais
repousam?

EMBALO

No balanço das águas, Ao trépido pulsar
Da máquina, embalar As persistentes mágoas Das peremptas feridas...
Beber o céu nos ventos Sabendo a sonolentos Sais e iodados relentos.
Anseios de insofridas Esperas e esperanças Diluem-se na bruma
Como na vaga a espuma – Flores de espumas mansas – Que a um lado e outro
abotoa Da cortadora proa.
Azuis de águas e céus...
Sou nada, e entanto agora Eis-me centro finito Do círculo infinito De mar e
céus afora.
– Estou onde está Deus.

A LUA

A proa reta abre no oceano Um tumulto de espumas pampas.
Delas nascer parece a esteira Do luar sobre as águas mansas.

O mar jaz como um céu tombado.
Ora é o céu que é um mar, onde a lua, A só, silente louca, emerge Das ondas-
nuvens, toda nua.

ELEGIA DE LONDRES

Ovalle, irmãozinho, diz, *du sein de Dieu où tu reposes*, Ainda te lembras de Londres e suas luas?

Custa-me imaginar-te aqui

– Londres é *troppo* imensa – Com teu impossível amor, tuas certezas e tuas ignorâncias.

Tu, Santo da Ladeira e pecador da Rua Conde de Laje, Que de madrugada te perdias na Lapa e sentavas no meio-fio para chorar.

Os mapas enganaram-me.

Sentiste como Mayfair parece descorrelacionada do Tamisa?

Sentiste que para pedestre de Oxford Street é preciso ser gênio e andarilho como Rimbaud?

Ou então português

– Como o poeta Alberto de Lacerda?

Ovalle, irmãozinho, como te sentiste

Nesta Londres imensa e triste?

Tu que procuravas sempre o que há de Jesus em toda coisa, Como olhaste para estas casas tão humanamente iguais, tão exasperantemente iguais?

Adoeceste alguma vez e ficaste atrás da vidraça lendo incessantemente o letreiro do outro lado da rua – *Rawlplug House, Rawlplug Co. Ltd., Rawlings Bros.*

Por que bares andaste bebendo melancolia?

Alguma noite pediste perdão por todos nós às mulherezinhas de *Picadilly Circus*?

Foste ao *British Museum* e viste a virgem lápita raptada pelo centauro?

Comungaste na adoração do Menino Jesus de Piero della Francesca na *National Gallery*?

Tomaste conhecimento da existência de Dame Edith Sitwell e seu “*Trio for two cats and a trombone*”?

Ovalle, irmãozinho, tu que és hoje estrela brilhante lá do alto-mar, Manda à minha angústia londrina um raio de tua quente eternidade.

Londres, 3.9.1957

MAL SEM MUDANÇA

Da América infeliz porção mais doente, Brasil, ao te deixar, entre a alvadia
Crepuscular espuma, eu não sabia
Dizer se ia contente ou descontente.

Já não me entendo mais. Meu subconsciente Me serve angústia em vez de
fantasia, Medos em vez de imagens. E em sombria Pena se faz passado o meu
presente.

Ah, se me desse Deus a força antiga, Quando eu sorria ao mal sem esperança E
mudava os soluços em cantiga!

Bem não é que a alma pede e não alcança.
Mal sem motivo é o que ora me castiga, E ainda que dor menor, mal sem
mudança.

25.7.1957

PEREGRINAÇÃO

Quando olhada de face, era um abril.

Quando olhada de lado, era um agosto.

Duas mulheres numa: tinha o rosto Gordo de frente, magro de perfil.

Fazia as sobrancelhas como um til; A boca, como um o (quase). Isto posto,
Não vou dizer o quanto a amei. Nem gosto De me lembrar, que são tristezas
mil.

Eis senão quando um dia... Mas, caluda!

Não me vai bem fazer uma canção

Desesperada, como fez Neruda.

Amor total e falho... Puro e impuro...

Amor de velho adolescente... E tão Sabendo a cinza e a pêssego maduro...

ANTÔNIA

Amei Antônia de maneira insensata.

Antônia morava numa casa que para mim não era casa, era um empíreo.

Mas os anos foram passando.

Os anos são inexoráveis.

Antônia morreu.

A casa em que Antônia morava foi posta abaixo.

Eu mesmo já não sou aquele que amou Antônia e que Antônia não amou.

Aliás, previno, muito humildemente, que isto não é crônica nem poema.

É apenas

Uma nova versão, a mais recente, do tema *ubi sunt*, Que dedico, ofereço e consagro A meu dileto amigo Augusto Meyer.

SONHO BRANCO

Não pairas mais aqui. Sei que distante Estás de mim, no grêmio de Maria
Desfrutando a inefável alegria
Da alta contemplação edificante.

Mas foi aqui que ao sol do eterno dia Tua alma, entre assustada e confiante,
Viu descender à paz purificante Teu corpo, ainda cansado da agonia.

Senti-te as asas de anjo em mesto arranco Voejar aqui, retidas pelo aceno Do
irmão, saudoso de teu riso franco.

Quarenta anos lá vão. De teu moreno Encanto hoje que resta? O eco pequeno,
Pequeno de teu sonho – um sonho branco!

VERDE-NEGRO

dever

de ver

tudo verde

tudo negro

verde-negro

muito verde

muito negro

ver de dia

ver de noite

verde noite

negro dia

verde-negro

verdes vós

verem eles

virem eles

virde vós

verem todos

tudo negro

tudo verde

verde-negro

MASCARADA

Você me conhece?

(Frase dos mascarados de antigamente.) – Você me conhece?

– Não conheço não.

– Ah, como fui bela!

Tive grandes olhos, Que a paixão dos homens (Estranha paixão!) Fazia maiores...

Fazia infinitos.

Diz: não me conheces?

– Não conheço não.

– Se eu falava, um mundo Irreal se abria À tua visão!

Tu não me escutavas: Perdido ficavas Na noite sem fundo Do que eu te dizia...

Era a minha fala Canto e persuasão...

Pois não me conheces?

– Não conheço não.

– Choraste em meus braços...

– Não me lembro não.

– Por mim quantas vezes O sono perdeste E ciúmes atrozes Te despedaçaram!

Por mim quantas vezes Quase tu mataste, Quase te mataste, Quase te mataram!
Agora me fitas
E não me conheces?

– Não conheço não.
Conheço é que a vida É sonho, ilusão.
Conheço é que a vida, A vida é traição.

PREPARAÇÃO PARA A MORTE

A vida é um milagre.

Cada flor,

Com sua forma, sua cor, seu aroma, Cada flor é um milagre.

Cada pássaro,

Com sua plumagem, seu voo, seu canto, Cada pássaro é um milagre.

O espaço, infinito, O espaço é um milagre.

O tempo, infinito, O tempo é um milagre.

A memória é um milagre.

A consciência é um milagre.

Tudo é milagre.

Tudo, menos a morte.

– Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.

CANÇÃO PARA A MINHA MORTE

Bem que filho do Norte, Não sou bravo nem forte.

Mas, como a vida amei Quero te amar, ó morte, – Minha morte, pesar Que não te escolherei.

Do amor tive na vida Quanto amor pode dar: Amei, não sendo amado, E sendo amado, amei.

Morte, em ti quero agora Esquecer que na vida Não fiz senão amar.

Sei que é grande maçada Morrer, mas morrerei – Quando fores servida – Sem maiores saudades Desta madrasta vida, Que, todavia, amei.

FLABELA

F L A B E L A

flébil

lábil

Isabela

nota e núbil

A ONDA

A ONDA

a onda anda

aonde anda

a onda?

a onda ainda

ainda onda

ainda anda

aonde?

aonde?

a onda a onda

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Louvo o Padre, louvo o Filho, O Espírito Santo louvo.
Isto feito, louvo aquele
Que ora chega aos sessent'anos E no meio de seus pares
Prima pela qualidade:
O poeta lúcido e límpido
Que é Carlos Drummond de Andrade.

Prima em *Alguma Poesia*, Prima no *Brejo das Almas*.
Prima na *Rosa do Povo*, No *Sentimento do Mundo*.
(Lírico ou participante,
Sempre é poeta de verdade Esse homem lépido e limpo Que é Carlos
Drummond de Andrade.) Como é fazendeiro do ar,
O obscuro enigma dos astros Intui, capta em claro enigma.
Claro, alto e raro. De resto Ponteia em viola de bolso Inteiramente à vontade
O poeta diverso e múltiplo Que é Carlos Drummond de Andrade.

Louvo o Padre, o Filho, o Espírito Santo, e após outra Trindade Louvo: o
homem, o poeta, o amigo Que é Carlos Drummond de Andrade.

BALADA PARA ISABEL

Querem outros muito dinheiro; Outros, muito amor; outros, mais Precavidos,
querem inteiro Sossego, paz, dias iguais.

Mas eu, que sei que nesta vida O que mais se mostra é ouropel, Quero coisa
muito escondida: – O sorriso azul de Isabel.

Um mistério tão sorrateiro Nunca o mundo não viu jamais.

Ah que sorriso! Verdadeiro Céu na terra (o céu que sonhais...) Por isso, em
minha ingrata lida De viver, é a sopa no mel Se de súbito translucida
O sorriso azul de Isabel.

Quando rompe o sol, e fagueiro O homem acorda, e em matinais Hosanas
louva o justiceiro Deus de bondade – o que pensais Que é a coisa mais
apetecida Do mau bardo de alma revel, Envelhecida, envilecida?
– O sorriso azul de Isabel.

OFERTA

Não quero o sorriso de Armida: O sorriso de Armida é fel Junto ao desta Isabel
querida.

– Quero é o teu sorriso, Isabel.

PRIMEIRA CANÇÃO DO BECO

Teu corpo dúbio, irresoluto De intersexual disputadíssima, Teu corpo, magro
não, enxuto, Lavado, esfregado, batido, Destilado, asséptico, insípido E
perfeitamente inodoro
É o flagelo de minha vida, Ó esquizoide! ó leptossômica!

Por ele sofro há bem dez anos (Anos que mais parecem séculos) Tamanhas
atribulações,
Que às vezes viro lobisomem, E estraçalhado de desejos Divago como os cães
danados A horas mortas, por becos sórdidos!

Põe paradeiro a este tormento!
Liberta-me do atroz recalque!
Vem ao meu quarto desolado Por estas sombras de convento, E propicia aos
meus sentidos Atônitos, horrorizados
A folha-morta, o parafuso, O trauma, o estupor, o decúbito!

IRMÃ

Irmã – que outra expressão, por mais que a tente Achar, poderei dar-te? –, em teu ouvido Quero a queixa vazar confiantemente Desta vida sem cor e sem sentido.

Amei outras mulheres, mas a urgente Compreensão, sem a qual, por mais subido, Falece o amor, esteve sempre ausente.
Em nenhuma encontrei o bem querido.

Em ti tudo é perfeito e incomparável.
E tudo o que de injusto e duro e amargo Sofri, vieste delir com o teu carinho:
Com esse frescor de fruta desejável; Com esse gris de teus olhos, que do largo
Me traz o ar sem mistura, o sal marinho.

Nu

Quando estás vestida, Ninguém imagina
Os mundos que escondes Sob as tuas roupas.

(Assim, quando é dia, Não temos noção
Dos astros que luzem No profundo céu.

Mas a noite é nua, E, nua na noite, Palpitam teus mundos E os mundos da
noite.

Brilham teus joelhos.
Brilha o teu umbigo.
Brilha toda a tua Lira abdominal.

Teus seios exíguos – Como na rijeza Do tronco robusto Dois frutos pequenos –
Brilham.) Ah, teus seios!
Teus duros mamilos!
Teu dorso! Teus flancos!
Ah, tuas espáduas!

Se nua, teus olhos Ficam nus também: Teu olhar, mais longo, Mais lento, mais
líquido.

Então, dentro deles, Boio, nado, salto, Baixo num mergulho Perpendicular.

Baixo até o mais fundo De teu ser, lá onde Me sorri tu'alma, Nua, nua, nua...

ELEGIA PARA RUI RIBEIRO COUTO

Meu caro Rui Ribeiro Couto, a mocidade
Promete mais que dá. Sonhamos se dormimos, E sonhamos quando acordados.
Altos cimos Da aspiração, que em torno vê só a imensidade!
Assim, amigo, foi você; assim eu fui.
Mas terminada a mocidade, o sonho *rui*?

Não, não rui. Pois o sonho, amigo, não é cousa Feita de pedra e cal: o sonho é
cousa fluida.
Enquanto dura a mocidade, que não cuida Senão de se gastar, nem para, nem
repousa, Vai de despenhadeiro a outro despenhadeiro.
Mas com o tempo serena e flui como um *ribeiro*.

Um dia as ilusões de Vitorino Glória
Se terão dissipado. Em cada nervo e músculo Sentirá ele, na doçura do
crepúsculo,
O que houve de melhor na sua louca história.
Apaziguado há de sorrir ao sonho roto,
E encontrará, dentro em si mesmo, o pouso, o *couto*.

O FAUNO

Na calada
Da alta noite,
Quando a sombra é como a augusta Antecipação da morte, Grita o fauno:

– “Bem que velho, Te reclamo.

Bem que velho,

Te desejo,

Quero e chamo,

O novelletum quod ludis

In solitudine cordis!

Ó desejada que ainda Não sabes que és desejada!

Deixa os brancos véus do pejo E no inóspito jardim Das oliveiras te cobre Do
cílio da paixão!

Respira as auras ardentes, Cospe fogo,

Vira vento e furacão, Sopra rijo sobre mim, Me delabra, me ensorcela, Ninfa
bela!

Não jamais

Ninfomaníaca: és triste, És calada,

És elegíaca.

Por isso mesmo é que te amo, Te desejo,

Quero

E chamo,

Ninfa! Aonde estás? Aonde?...”

Grita o fauno, mas só o eco De sua voz lhe responde Na calada
Da alta noite,
Quando a sombra é como a augusta Antecipação da morte.

POEMA DO MAIS TRISTE MAIO

Meus amigos, meus inimigos, Saibam todos que o velho bardo Está agora,
entre mil perigos, Comendo, em vez de rosas, cardo.

Acabou-se a idade das rosas!

Das rosas, dos lírios, dos nardos E outras espécies olorosas: É chegado o tempo
dos cardos.

E passada a sazão das rosas, Tudo é vil, tudo é sáfio, árduo.
Nas longas horas dolorosas Pungem fundo as puas do cardo.

As saudades não me consolam.

Antes ferem-me como dardos.

As companhias me desolam,

E os versos que me vêm, vêm tardos.

Meus amigos, meus inimigos, Saibam todos que o velho bardo Está agora,
entre mil perigos, Comendo, em vez de rosas, cardo.

MINHA GRANDE TERNURA

Minha grande ternura Pelos passarinhos mortos, Pelas pequeninas aranhas.

Minha grande ternura Pelas mulheres que foram meninas bonitas E ficaram mulheres feias; Pelas mulheres que foram desejáveis E deixaram de o ser; Pelas mulheres que me amaram E que eu não pude amar.

Minha grande ternura Pelos poemas que
Não consegui realizar.

Minha grande ternura Pelas amadas que
Envelheceram sem maldade.

Minha grande ternura Pelas gotas de orvalho que São o único enfeite De um túmulo.

POEMAS TRADUZIDOS

NOTURNO

José Asunción Silva

Uma noite,
Uma noite toda cheia de murmúrios, de perfumes e da música das asas; Uma
noite,
Em que ardiam na nupcial e úmida sombra das campinas as lucíolas
fantásticas, A meu lado lentamente, contra mim cingida toda, muda e pálida,
Como se um pressentimento de amarguras infinitas, Até o fundo mais
recôndito das fibras te agitasse, Pela senda que se perde no horizonte da
planície Caminhavas;
E nos céus
Azulados e profundos esparzia a lua cheia sua claridade branca.
Tua sombra,
Fina e lânguida,
E a minha,
Projetadas pelos raios do luar na areia triste Do caminho se juntavam
E eram uma,
E eram uma,
E eram uma sombra única,
Uma longa sombra única,
Uma longa sombra única...

Esta noite
Eu só, a alma

Cheia assim das infinitas amarguras e aflições de tua morte, Separado de ti
mesma pelo tempo, pelo túmulo e a distância, Pela escuridão sem termo

Aonde a nossa voz não chega, Silencioso
Pela senda caminhava...

E escutavam-se os ladridos dos cachorros para a lua, Lua pálida,
E a coaxada
Dos batráquios...

Senti frio. O mesmo frio que coaram no meu corpo Tuas faces e teus seios e
teus dedos adorados Entre as cândidas brancuras Das cobertas mortuárias.
Era o frio do sepulcro, sopro gélido da morte, Era o frio atroz do nada.

Minha sombra,
Projetada pelos raios do luar na areia triste, Solitária,
Solitária,
Pela estepe desolada caminhava.
Foi então que a tua sombra Ágil e esbelta,
Fina e lânguida,

Como nessa extinta noite da passada primavera, Noite cheia de murmúrios, de
perfumes e da música das asas, Acercou-se e foi com ela, Acercou-se e foi com
ela, Acercou-se e foi com ela... Oh, as sombras enlaçadas!

Oh, as sombras de dois corpos que se juntam às das almas!

Oh, as sombras que se buscam pelas noites de tristezas e de lágrimas!

DOR

Enrique González Martínez

O seu olhar varou-me a alma abismada, Fundiu-se em mim, tão minha parecia,
Que não sei se este alento de agonia É vida ainda ou morte alucinada.

Chegou o Arcanjo, desferiu a espada Sobre o duplo laurel que florescia No
horto concluso... E desde aquele dia Voltei, dentro das trevas, ao meu nada.

Julguei que o mundo, para o humano assombro, Ia rolar de súbito no
escombro
Da ruína total do firmamento...

Mas vi a terra em paz, em paz a altura, O campo tão sereno, a linfa pura, O
monte azul e sossegado o vento!...

ORAÇÃO

São Francisco de Assis

Oh Senhor, faze de mim um instrumento da tua paz: Onde há ódio, faze que eu leve Amor; Onde há ofensa, que eu leve o Perdão; Onde há discórdia, que eu leve União; Onde há dúvida, que eu leve a Fé; Onde há erro, que eu leve a Verdade; Onde há desespero, que eu leve a Esperança; Onde há tristeza, que eu leve a Alegria; Onde há trevas, que eu leve a Luz.

Oh Mestre, faze que eu procure menos Ser consolado do que consolar;
Ser compreendido do que compreender; Ser amado do que amar.

Porquanto

É dando que se recebe;
É perdoando que se é perdoado;
É morrendo que se ressuscita para a Vida Eterna.

TORSO ARCAICO DE APOLO

Rainer Maria Rilke

Não sabemos como era a cabeça, que falta, De pupilas amadurecidas, porém
O torso arde ainda como um candelabro e tem, Só que meio apagada, a luz do
olhar, que salta E brilha. Se não fosse assim, a curva rara Do peito não
deslumbraria, nem achar Caminho poderia um sorriso e baixar
Da anca suave ao centro onde o sexo se alteara.

Não fosse assim, seria essa estátua uma mera Pedra, um desfigurado mármore, e
nem já Resplandecera mais como pele de fera.

Seus limites não transporia desmedida Como uma estrela; pois ali ponto não
há Que não te mire. Força é mudares de vida.

CALEFRIO AQUERÔNTICO

Liliencron

Já bica o estorninho a sorva vermelha – Jubilam violinos nas danças de agosto –
Não tarda que o Outono empunhe a tesoura E corte uma a uma as folhas dos
ramos.

Então se fará no bosque um vazio,
Um rio entre os troncos desnudos virá, Trazendo à ribeira onde estou o barco
Que me há de levar ao frio silêncio.

O FATAL

Rubén Darío

Ditoso o vegetal, que é apenas sensitivo, Ou a pedra dura, esta ainda mais,
porque não sente, Pois não há dor maior do que a dor de ser vivo, Nem mais
fundo pesar que o da vida consciente.

Ser, e não saber nada, e ser sem rumo certo, E o medo de ter sido, e um futuro
terror...

E a inquietação de imaginar a morte perto, E sofrer pela vida e a sombra, no
temor

Do que ignoramos e que apenas suspeitamos, E a carne a seduzir com seus
frescos racimos, E o túmulo a esperar com seus fúnebres ramos...

E não saber para onde vamos,
Nem saber donde vimos...

EM SEU LUGAR

Paul Éluard

Raio de sol entre dois límpidos diamantes
E a lua a se fundir nos trigais obstinados

Uma imóvel mulher tomou lugar na terra
No calor ela se ilumina lentamente
Profundamente como um broto e como um fruto

Nele a noite floresce o dia amadurece.

ACALANTO PARA DEUS MENINO

Sóror Juana Inés de la Cruz

Pois meu Deus nasceu para penar, Deixem-no velar.

Pois está desvelado por mim, Deixem-no dormir.

Deixem-no velar:

Não há pena em quem ama, Como não penar.

Deixem-no dormir: Sono é ensaio da morte Que um dia há de vir.

Silêncio, que dorme.

Cuidado, que vela.

Não o despertem, não.

Sim, despertem-no, sim.

Deixem-no velar.

Deixem-no dormir.

QUATRO HAICAIS DE BASHÔ

Quatro horas soaram.
Levantei-me nove vezes
Para ver a lua.

Fecho a minha porta.
Silencioso vou deitar-me.
Prazer de estar só...

A cigarra... Ouvi:
Nada revela em seu canto
Que ela vai morrer.

Quimonos secando
Ao sol. Oh aquela manguinha
Da criança morta!

METADE DA VIDA

Hoelderlin

Peras amarelas
E rosas silvestres Da paisagem sobre a Lagoa.

Ó cisnes graciosos, Bêbedos de beijos, Enfiando a cabeça Na água santa e sóbria!

Ai de mim, aonde, se É inverno agora, achar as Flores? e aonde
O calor do sol
E a sombra da terra?
Os muros avultam Mudos e frios; à fria nortada Rangem os cata-ventos.

QUATRO SONETOS DE ELIZABETH BARRETT BROWNING

I

Amo-te quanto em largo, alto e profundo Minh'alma alcança quando,
transportada, Sente, alongando os olhos deste mundo, Os fins do Ser, a Graça
entressonhada.

Amo-te em cada dia, hora e segundo: À luz do sol, na noite sossegada.
E é tão pura a paixão de que me inundo Quanto o pudor dos que não pedem
nada.

Amo-te com o doer das velhas penas; Com sorrisos, com lágrimas de prece, E a
fé da minha infância, ingênua e forte.

Amo-te até nas coisas mais pequenas.
Por toda a vida. E, assim Deus o quisesse, Ainda mais te amarei depois da
morte.

II

As minhas cartas! Todas elas frio, Mudo e morto papel! No entanto agora
Lendo-as, entre as mãos trêmulas o fio Da vida eis que retomo hora por hora.

Nesta queria ver-me – era no estio – Como amiga a seu lado... Nesta implora
Vir e as mãos me tomar... Tão simples! Li-o E chorei. Nesta diz quanto me
adora.

Nesta confiou: sou teu, e empalidece A tinta no papel, tanto o apertara Ao meu
peito, que todo inda estremece!

Mas uma... Ó meu amor, o que me disse Não digo. Que bem mal me
aproveitara, Se o que então me dissesse eu repetisse...

III

Parte: não te separas! Que jamais Sairei de tua sombra. Por distante Que te vás,
em meu peito, a cada instante, Juntos dois corações batem iguais.

Não ficarei mais só. Nem nunca mais Dona de mim, a mão, quando a levante,
Deixará de sentir o toque amante
Da tua, – ao que fugi. Parte: não sais!

Como o vinho, que às uvas donde flui Deve saber, é quanto faço e quanto
Sonho, que assim também todo te inclui A ti, amor! minha outra vida, pois
Quando oro a Deus, teu nome ele ouve e o pranto Em meus olhos são lágrimas
de dois.

IV

Ama-me por amor do amor somente.

Não digas: “Amo-a pelo seu olhar, O seu sorriso, o modo de falar

Honesto e brando. Amo-a porque se sente Minh'alma em comunhão
constantemente Com a sua.” Porque pode mudar

Isso tudo, em si mesmo, ao perpassar Do tempo, ou para ti unicamente.

Nem me ames pelo pranto que a bondade De tuas mãos enxuga, pois se em mim Secar, por teu conforto, esta vontade De chorar, teu amor pode ter fim!

Ama-me por amor do amor, e assim

Me hás de querer por toda a eternidade.

CANÇÃO

Christina Rossetti

Em minha sepultura,
Ó meu amor, não plantes Nem cipreste nem rosas; Nem tristemente cantes.
Sê como a erva dos túmulos Que o orvalho umedece.
E se quiseses, lembra-te; Se quiseses, esquece.

Eu, não verei as sombras Quando a tarde baixar; Não ouvirei de noite O
rouxinol cantar.
Sonhando em meu crepúsculo, Sem sentir, sem sofrer, Talvez possa lembrar-
me, Talvez possa esquecer.

TRÍADE

Adelaide Crapsey

São três
Coisas silenciosas:
A neve que cai... a hora
Antes da alva... a boca de alguém
Que acabou de morrer.

SONETO

Verlaine

No ermo da mata o som da trompa ecoa, Vem expirar embaixo da colina.
E uma dor de orfandade se imagina Na brisa, que em ladridos erra à toa.

A alma do lobo nessa voz ressoa...
Enche os vales e o céu, baixa à campina, Numa agonia que à ternura inclina E
que tanto seduz quanto magoa.

Para tornar mais suave esse lamento, Através do crepúsculo sangrento, Como
linho desfeito a neve cai.

Tão brando é o ar da tarde, que parece Um suspiro do outono. E a noite desce
Sobre a paisagem lenta que se esvai.

BRANCO

Juan Ramón Jiménez

Branco, primeiro. De um branco De inocência, cego, branco, Branco de ignorância, branco.

Pronto verdeja o veneno.

Abre janelas o corpo.

O branco torna-se negro.

Guerra de noites e dias!

O vento assassina a brisa, A brisa ao vento...

Na brisa

Vem reconquistado o branco.

Branco verdadeiro, branco Já de eternidade, branco.

EPITÁFIO

Rainer Maria Rilke

Rosa, ó pura contradição, volúpia
De ser o sono de ninguém sob tantas
Pálpebras.

UM POEMA DE CHAGALL

Só é meu
O país que trago dentro da alma.
Entro nele sem passaporte Como em minha casa.
Ele vê a minha tristeza E a minha solidão.
Me acalanta.
Me cobre com uma pedra perfumada.
Dentro de mim florescem jardins.
Minhas flores são inventadas.
As ruas me pertencem Mas não há casas nas ruas.
As casas foram destruídas desde a minha infância.
Os seus habitantes vagueiam no espaço À procura de um lar.
Instalam-se em minha alma.
Eis por que sorrio
Quando mal brilha o meu sol.
Ou choro
Como uma chuva leve
Na noite.
Houve tempo em que eu tinha duas cabeças.
Houve tempo em que essas duas caras Se cobriam de um orvalho amoroso.
Se fundiam como o perfume de uma rosa.
Hoje em dia me parece Que até quando recuo Estou avançando
Para uma alta portada Atrás da qual se estendem muralhas Onde dormem
trovões extintos E relâmpagos partidos.

Só é meu

O mundo que trago dentro da alma.

MAFUÁ DO MALUNGO

TEMÍSTOCLES DA GRAÇA ARANHA

A aranha morde. A graça arranha
E vale o gládio nu de Têmis.
Logo se vê que tu não temes,
Temístocles da Graça Aranha.

ANA MARGARIDA MARIA

Ana – Sant’Ana – principia.
Maria acaba. Entre elas brilha
Uma flor branca. E eis, maravilha
De pureza, graça, alegria,
Ana Margarida Maria.

VERLAINE

Não te posso dar flor nem fruto. Folha ou galho,
Sim. Folha e não será de álamo ou tília fina.
Folha do mato, mas cheirosa de resina,
Levando à tua glória uma gota de orvalho.

ELISA

Dizem os lábios
O que está dentro
Do coração?

– Na face lisa
Dir-te-ão meus lábios
A mesma coisa
Que trago dentro
Do coração,
Elisa.

SÍLVIA AMÉLIA

Tudo quanto é puro e cheira:

– Manacá, jasmim, camélia,

Lírio, flor de laranjeira,

Rosa branca, Sílvia Amélia!

DUAS MARIAS

Duas Marias: Cristina E sua gêmea Isabel.
A ambas saúda e se assina Servo e admirador Manuel.

Pincel que pintar Cristina Tem que pintar Isabel.
Se o pintor for o Candinho, Então é a sopa no mel.

Dorme sem susto, Cristina, Dorme sem medo, Isabel: Nossa Senhora vos nina,
Ao pé está o Anjo Gabriel.

FRANCISCA

Francisca, me dá
Tudo aquilo que
Não gostas em ti.
E eu farei com isso
Um prazer tão grande
– Mais lindo que as nuvens
Da alvorada clara!
Mais doce que a brisa
Da alvorada fresca!
Francisca, Francisca!

ROSA FRANCISCA ADELAIDE

Francisca, Francisca, Ai Rosa Francisca, Francisca Adelaide!

Não queres ser Rosa, Pois então, Francisca, Me dá essa rosa: A rosa mais limpa,
Mais escondidinha – Rosa bonitinha –, A única rosa
Em que para sempre, A todo o momento, De dia ou de noite, Feliz, infeliz, Ai
Rosa Francisca, Tenho o pensamento.

Ai Rosa Francisca!

Ai Rosa

Francisca

Adelaide!

MURILO MENDES

Mais te amo, ó poesia, quando
A realidade transcendes
Em pânico, desvairando
Na voz de um Murilo Mendes.

TEU NOME

Teu nome, voz das sereias,
Teu nome, o meu pensamento,
Escrevi-o nas areias,
Na água, – escrevi-o no vento.

EUNICE VEIGA

Eunice meiga,
Eunice linda...
Que mais ainda?
– Eunice Veiga!

MAG

Só mesmo um santo
(Que eu nada valho)
Pode pintar
O jeito, o encanto,
Esse carinho
Posto no rosto
(Por Deus foi posto),
Posto no olhar,
No olhar gordinho
De Mag Bicalho.

RAQUEL

Raquel, angélica flor
Do ramalhete de Clóvis.
(Amor, que os astros moves,
Dá-lhe o melhor amor.)

HELENA MARIA

Helena Maria:

O preto no branco,

No branco a poesia,

No preto esse arranco

Da alma forte e pura

Em sua ternura.

A GUIMARÃES ROSA

Não permita Deus que eu morra Sem que ainda vote em você; Sem que, Rosa
amigo, toda Quinta-feira que Deus dê, Tome chá na Academia Ao lado de
vosmecê,

Rosa dos seus e dos outros, Rosa da gente e do mundo, Rosa de intensa poesia
De fino olor sem segundo; Rosa do Rio e da Rua, Rosa do sertão profundo!

EDMÉE

Que delícia na mata o fio d'água
Da fresca fonte para a sede grande!
(Assim a tua voz, límpida água
Para outra sede, Edmée Brandi.)

ALLINGES

És grande e bela, como as deusas e as esfinges
E as montanhas e o mar... És noite e aurora, Allinges!

OITAVA CAMONIANA PARA FERNANDA

De Ely e Lorita, brandos, nasce a branda (Vede da natureza o ideal concerto!),
Bonita e sem pecado algum Fernanda, Que alegria dos pais será decerto.
E faça quem sobre o Universo manda O mundo para ela um céu aberto, Onde
continuamente, como um dia De claro sol, a vida lhe sorria.

MARISA

Muitas vezes a beira-mar
Sopra um fresco alento de brisa
Que vem do largo a suspirar...
Assim é o teu nome, Marisa,
Que principia igual ao mar
E acaba mais suave que a brisa.

SAUDAÇÃO A VINICIUS DE MORAES

Marcus Vinicius Cruz de Moraes, Eu não sabia Que no teu nome Tu carregavas A tua cruz

De fogo e lavas.

Cruz da poesia?

Cruz do renome?

Marcus Vinicius, Que em tuas puras, Tuas selvagens, Raras imagens Da mais pungente Melancolia,

Ficaste ardente Para jamais.

Quais são teus vícios, Vinicius, quais, Para os purgares Nas consulares Assinaturas?

Marcus Vinicius, Eu já te tinha (E te ofereço Esta tetinha) Como um dos marcos De maior preço Do bom lirismo Da pátria minha.

Mas não sabia Que fosses Marcus Pelo batismo.

Hoje que o sei, Te gritarei

Num poema bom, Bom, não! no mais Pantafaçudo

Que já compus: – Marcus Vinicius Cruz de Moraes (Mello também) De cruz a cruz Eu te saúdo!

AUTORRETRATO

Provinciano que nunca soube Escolher bem uma gravata; Pernambucano a quem repugna A faca do pernambucano; Poeta ruim que na arte da prosa Envelheceu na infância da arte, E até mesmo escrevendo crônicas Ficou cronista de província; Arquiteto falhado, músico Falhado (engoliu um dia Um piano, mas o teclado Ficou de fora); sem família, Religião ou filosofia; Mal tendo a inquietação de espírito Que vem do sobrenatural, E em matéria de profissão Um tísico profissional.

"CASA-GRANDE & SENZALA"

Casa-Grande & Senzala, Grande livro que fala Desta nossa leseira Brasileira.

Mas com aquele forte Cheiro e sabor do Norte – Dos engenhos de cana
(Massangana!)

Com fuxicos danados E chamegos safados De mulecas fulôs Com sinhôs.

A mania ariana

Do Oliveira Viana Leva aqui a sua lambada Bem puxada.

Se nos brasis abunda Jenipapo na bunda, Se somos todos uns Octoruns,

Que importa? É lá desgraça?

Essa história de raça, Raças más, raças boas – Diz o Boas – É coisa que passou
Com o franciú Gobineau.

Pois o mal do mestiço Não está nisso.

Está em causas sociais, De higiene e outras que tais: Assim pensa, assim fala
Casa-Grande & Senzala.

Livro que à ciência alia A profunda poesia Que o passado revoca E nos toca

A alma de brasileiro, Que o portugá femeeiro Fez e o mau fado quis Infeliz!

CARTA-POEMA

Excelentíssimo Prefeito

Senhor Hildebrando de Góis, Permitti que, rendido o preito A que fazeis jus
por quem sois, Um poeta já sexagenário, Que não tem outra aspiração Senão
viver de seu salário Na sua limpa solidão,

Peça vistoria e visita

A este pátio para onde dá O apartamento que ele habita No Castelo há dois
anos já.

É um pátio, mas é via pública, E estando ainda por calçar, Faz a vergonha da
República Junto à Avenida Beira-Mar!

Indiferentes ao capricho Das posturas municipais, A ele jogam todo o seu lixo
Os moradores sem quintais.

Que imundície! Tripas de peixe, Cascas de fruta e ovo, papéis...

Não é natural que me queixe?

Meu Prefeito, vinde e vereis!

Quando chove, o chão vira lama: São atoleiros, lodaçais, Que disputam a
palma à fama Das velhas maremas letais!

A um distinto amigo europeu Disse eu: – Não é no Paraguai Que fica o Grande Chaco, este é o Grande Chaco! Senão, olhai!

Excelentíssimo Prefeito

Hildebrando Araújo de Góis, A quem humilde rendo preito, Por serdes vós, senhor, quem sois!

Mandai calçar a via pública Que, sendo um vasto lagamar, Faz a vergonha da República Junto à Avenida Beira-Mar!

TROVA

Atirei um limão-doce
Na janela de meu bem:
Quando as mulheres não amam,
Que sono as mulheres têm!

A AFONSO

Recebi o seu telegrama, Afonso. Obrigado, obrigado: Sempre é bom ganhar um agrado Dos amigos a quem mais se ama.

Gastão gentil como uma dama, Esse merece ser chamado Pinheiro, como você o chama.

E Otávio, nunca assaz louvado.

Não me sinto pinheiro, Afonso, Eu velho bardo, entre mil vários, À espera da hora do responso.

Sou apenas um setentão

Adido à estranha legação Dos pinheiros septuagenários.

A ESPADA DE OURO

Excelentíssimo General Henrique Duffles Teixeira Lott, A espada de ouro que,
por escote, Os seus cupinchas lhe vão brindar, Não vale nada (não leve a mal
Que assim lhe fale) se comparada Com a velha espada De aço forjada,
Como as demais.

– Espadas estas

Que a Pátria pobre, de mãos honestas, Dá aos seus soldados e generais.

Seu aço limpo vem das raízes Batalhadoras da nossa história: Aço que fala dos
que, felizes, Tombaram puros no chão da glória!

O ouro da outra é ouro tirado, Ouro raspado

Pelas mãos sujas da pelegada Do bolso gordo dos argentários, Do bolso raso
dos operários, Não vale nada!

É ouro sinistro, Ouro mareado:

Mancha o Ministro, Mancha o Soldado.

ELEGIA DE AGOSTO

Não os decepcionarei.

Jânio Quadros, São Paulo, 6.X.60

A nação elegeu-o seu Presidente Certa de que ele jamais a decepcionaria.
De fato,
Durante sete meses, O eleito governou com honestidade, Com desvelo,
Com bravura.
Mas um dia,
De repente,
Lhe deu a louca
E ele renunciou.

Renunciou sem ouvir ninguém.
Renunciou sacrificando o seu país e os seus amigos.
Renunciou carismaticamente, falando nos pobres e humildes que é tão difícil
ajudar.

Explicou: “Não nasci presidente.
Nasci com a minha consciência.”

Agora vai viajar.

Vai viajar longamente no exterior.

Está em paz com a sua consciência.

Ouviram bem?

ESTÁ EM PAZ COM A SUA CONSCIÊNCIA E que se danem os pobres e humildes que é tão difícil ajudar.

O OBELISCO

Um obelisco monolítico é a verdade nua em praça pública.

A nudez dos obeliscos é mais inteira, mais estreme, mais escorreita, mais franca, mais sincera, mais lisa, mais pura, mais ingênua do que a da mulher mais bem-feita.

Ingênua como a de Susana surpreendida pelos juízes.

Pura como a de Santa Maria Egípcíaca despindo-se para o barqueiro.

Todo obelisco é uma lição de verticalidade física e moral, de retidão, de ascetismo.

Homem que não suporta a solidão (grande fraqueza!) Aprende com os obeliscos a ser só.

Os egípcios erguiam obeliscos à entrada de seus templos, de seus túmulos, e neles gravavam apenas, Discretamente,

O nome do rei construtor ou do deus reverenciado.

O obelisco aponta aos mortais as coisas mais altas: o céu, a lua, o sol, as estrelas – Deus.

O obelisco da Avenida Rio Branco não veio do Egito como o que está na Praça da Concórdia em Paris; Nem por isso merece menos respeito.

Obelisco não é mourão para amarrar cavalos.

Não é manequim para camisolas de anúncio.

Não é andaime para farandulagens de carnaval.

(Já o fantasiaram de baiana, oh afronta!

Já lhe quebraram o ápice de agulha,

Já o chamuscaram de alto a baixo.)

Que o obelisco esteja sempre nu e limpo, apontando as coisas mais altas – o céu, a lua, o sol e as estrelas.

CRONOLOGIA

1886

A 19 de abril, nasce Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, em Recife. Seus pais, Manuel Carneiro de Souza Bandeira e Francelina Ribeiro de Souza Bandeira.

1890

A família se transfere para o Rio de Janeiro, depois para Santos, São Paulo e novamente para o Rio de Janeiro.

1892

Volta para Recife.

1896-1902

Novamente no Rio de Janeiro, cursa o externato do Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II.

1903-1908

Transfere-se para São Paulo, onde cursa a Escola Politécnica. Por influência do pai, começa a estudar arquitetura. Em 1904, doente (tuberculose), volta ao Rio de Janeiro para se tratar. Em seguida, ainda em tratamento, reside em Campanha, Teresópolis, Maranguape, Uruquê e Quixeramobim.

1913

Segue para a Europa, para tratar-se no sanatório de Clavadel, Suíça. Tenta publicar um primeiro livro, *Poemetos melancólicos*, de poemas em parte extraviados no sanatório quando o poeta retorna ao Brasil.

1916

Morre a mãe do poeta.

1917

Publica o primeiro livro, *A cinza das horas*.

1918

Morre a irmã do poeta, sua enfermeira desde 1904.

1919

Publica *Carnaval*.

1920

Morre o pai do poeta.

1922

Em São Paulo, Ronald de Carvalho lê o poema “Os sapos”, de *Carnaval*, na Semana de Arte Moderna. Morre o irmão do poeta.

1924

Publica *Poesias*, que reúne *A cinza das horas*, *Carnaval* e *O ritmo dissoluto*.
Exerce a crítica musical nas revistas *A Ideia Ilustrada* e *Ariel*.

1925

Começa a escrever para o “Mês Modernista”, página dos modernistas em *A Noite*.

1926

Como jornalista, viaja por Salvador, Recife, João Pessoa, Fortaleza, São Luís e Belém.

1928-1929

Viaja a Minas Gerais e São Paulo. Como fiscal de bancas examinadoras, viaja para Recife.
Começa a escrever crônicas para o *Diário Nacional*, de São Paulo, e *A Província*, do Recife.

1930

Publica *Libertinagem*.

1935

Nomeado pelo ministro Gustavo Capanema inspetor de ensino secundário.

1936

Publica *Estrela da manhã*, em edição fora de comércio.
Os amigos publicam *Homenagem a Manuel Bandeira*, com poemas, estudos críticos e comentários sobre sua vida e obra.

1937

Publica *Crônicas da Província do Brasil*, *Poesias escolhidas* e *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*.

1938

Nomeado pelo ministro Gustavo Capanema professor de literatura do Colégio Pedro II e membro do Conselho Consultivo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Publica *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana* e o ensaio *Guia de Ouro Preto*.

1940

Publica *Poesias completas* e os ensaios *Noções de história das literaturas* e *A autoria das "Cartas chilenas"*.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras.

1941

Exerce a crítica de artes plásticas em *A Manhã*, do Rio de Janeiro.

1942

Eleito para a Sociedade Felipe d'Oliveira. Organiza *Sonetos completos e poemas escolhidos*, de Antero de Quental.

1943

Nomeado professor de literatura hispano-americana na Faculdade Nacional de Filosofia. Deixa o Colégio Pedro II.

1944

Publica uma nova edição ampliada das suas *Poesias completas* e organiza *Obras poéticas*, de Gonçalves Dias.

1945

Publica *Poemas traduzidos*.

1946

Publica *Apresentação da poesia brasileira, Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos* e, no México, *Panorama de la poesía brasileña*.
Conquista o Prêmio de Poesia do IBEC.

1948

Publica *Mafuá do malungo: jogos onomásticos e outros versos de circunstância*, em edição fora de comércio, um novo volume de *Poesias escolhidas* e novas edições aumentadas de *Poesias completas* e *Poemas traduzidos*.
Organiza *Rimas*, de José Albano.

1949

Publica o ensaio *Literatura hispano-americana*.

1951

A convite de amigos, candidata-se a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro, mas não se elege.
Publica nova edição, novamente aumentada, das *Poesias completas*.

1952

Publica *Opus 10*, em edição fora de comércio, e a biografia *Gonçalves Dias*.

1954

Publica as memórias *Itinerário de Pasárgada* e o livro de ensaios *De poetas e de poesia*.

1955

Publica *50 poemas escolhidos pelo autor* e *Poesias*. Começa a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e *Folha da Manhã*, de São Paulo.

1956

Publica o ensaio *Versificação em língua portuguesa*, uma nova edição de *Poemas traduzidos* e, em Lisboa, *Obras poéticas*.

Aposenta-se compulsoriamente como professor de literatura hispano-americana da Faculdade Nacional de Filosofia.

1957

Publica o livro de crônicas *Flauta de papel* e a edição conjunta *Itinerário de Pasárgada / De poetas e de poesia*.

Viaja para Holanda, Inglaterra e França.

1958

Publica *Poesia e prosa* (obra reunida, em dois volumes), a antologia *Gonçalves Dias*, uma nova edição de *Noções de história das literaturas* e, em Washington, *Brief History of Brazilian Literature*.

1960

Publica *Pasárgada*, *Alumbramentos* e *Estrela da tarde*, todos em edição fora de comércio, e, em Paris, *Poèmes*.

1961

Publica *Antologia poética*. Começa a escrever crônicas para o programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação.

1962

Publica *Poesia e vida de Gonçalves Dias*.

1963

Publica a segunda edição de *Estrela da tarde* (acrescida de poemas inéditos e da tradução de *Auto sacramental do Divino Narciso*, de Sórora Juana Inés de la Cruz) e a antologia *Poetas do Brasil*, organizada em parceria com José Guilherme Merquior. Começa a escrever crônicas para o programa *Vozes da cidade*, da Rádio Roquette-Pinto.

1964

Publica em Paris o livro *Manuel Bandeira*, com tradução e organização de Michel Simon, e, em Nova York, *Brief History of Brazilian Literature*.

1965

Publica *Rio de Janeiro em prosa & verso*, livro organizado em parceria com Carlos Drummond de Andrade, *Antologia dos poetas brasileiros da fase simbolista* e, em edição fora de comércio, o álbum *Preparação para a morte*.

1966

Recebe, das mãos do presidente da República, a Ordem do Mérito Nacional.

Publica *Os reis vagabundos e mais 50 crônicas*, com organização de Rubem Braga, *Estrela da vida inteira* (poesia completa) e o livro de crônicas *Andorinha, andorinha*, com organização de Carlos Drummond de Andrade.

Conquista o título de Cidadão Carioca, da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, e o Prêmio Moinho Santista.

1967

Publica *Poesia completa e prosa*, em volume único, e a *Antologia dos poetas brasileiros da fase moderna*, em dois volumes, organizada em parceria com Walmir Ayala.

1968

Publica o livro de crônicas *Colóquio unilateralmente sentimental*.
Falece a 13 de outubro, no Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA SOBRE MANUEL BANDEIRA

ANDRADE, Carlos Drummond de. Entre Bandeira e Oswald de Andrade. In: _____. *Tempo vida poesia: confissões no rádio*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. Manuel Bandeira. In: _____. *Passeios na ilha: divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952.

_____ et al. *Homenagem a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Typ. do *Jornal do Commercio*, 1936. 2. ed. fac-similar. São Paulo: Metal Leve, 1986.

ANDRADE, Mário de. A poesia em 1930. In: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974.

ARRIGUCCI JR., Davi. A beleza humilde e áspera. In: _____. *O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

_____. Achados e perdidos. In: _____. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. O humilde cotidiano de Manuel Bandeira. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

- BACIU, Stefan. *Manuel Bandeira de corpo inteiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *Manuel Bandeira, 100 anos de poesia: síntese da vida e obra do poeta maior do Modernismo*. Recife: Pool, 1988.
- _____. Manuel Bandeira, estudante do Colégio Pedro II. In: _____. *Achados do vento*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1958.
- BEZERRA, Elvia. *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- BRASIL, Assis. *Manuel e João: dois poetas pernambucanos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- BRAYNER, Sônia (Org.). *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.
- CANDIDO DE MELLO E SOUZA, Antonio. Carrossel. In: _____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1985.
- _____; MELLO E SOUZA, Gilda de. Introdução. In: BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.
- CARPEAUX, Otto Maria. Bandeira. In: _____. *Ensaios reunidos: 1942-1968*. Rio de Janeiro: UniverCidade/Topbooks, 1999.
- _____. Última canção – vasto mundo. In: _____. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.
- CASTELLO, José Aderaldo. Manuel Bandeira – sob o signo da infância. In: _____. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999. v. 2.

- COELHO, Joaquim-Francisco. *Biopoética de Manuel Bandeira*. Recife: Massangana, 1981.
- _____. *Manuel Bandeira pré-modernista*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.
- CORRÊA, Roberto Alvim. Notas sobre a poesia de Manuel Bandeira. In: _____. *Anteu e a crítica: ensaios literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.
- COUTO, Ribeiro. *Três retratos de Manuel Bandeira*. Organização de Elvia Bezerra. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Forma e alumbramento: poética e poesia em Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004.
- FONSECA, Edson Nery da. *Alumbramentos e perplexidades: vivências bandeirianas*. São Paulo: Arx, 2002.
- FREYRE, Gilberto. A propósito de Manuel Bandeira. In: _____. *Tempo de aprendiz*. São Paulo: Ibrasa; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.
- _____. Dos oito aos oitenta. In: _____. *Prefácios desgarrados*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1978. v. 2.
- _____. Manuel Bandeira em três tempos. In: _____. *Perfil de Euclides e outros perfis*. 2. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Record, 1987. 3. ed. revista. São Paulo: Global, 2011.
- GARBUGLIO, José Carlos. *Roteiro de leitura: poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Ática, 1998.
- GARDEL, André. *O encontro entre Bandeira e Sinhô*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural/Divisão de Editoração, 1996.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Do penumbrismo ao Modernismo: o primeiro Bandeira e outros poetas significativos*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. (Org.). *Traços marcantes no percurso poético de Manuel Bandeira*. São Paulo: Humanitas, 2005.

GOYANNA, Flávia Jardim Ferraz. *O lirismo antirromântico em Manuel Bandeira*. Recife: Fundarpe, 1994.

GRIECO, Agrippino. Manuel Bandeira. In: _____. *Poetas e prosadores do Brasil: de Gregório de Matos a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Conquista, 1968.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Manuel Bandeira: beco e alumbramento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Por que ler Manuel Bandeira*. São Paulo: Globo, 2008.

IVO, Lêdo. *A república da desilusão: ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

_____. Estrela de Manuel. In: _____. *Poesia observada: ensaios sobre a criação poética e matérias afins*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

_____. *O preto no branco: exegese de um poema de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: São José, 1955.

JUNQUEIRA, Ivan. Humildade, paixão e morte. In: _____. *Prosa dispersa: ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.

_____. *Testamento de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 3. ed. São Paulo: Global, 2014.

KOSHIYAMA, Jorge. O lirismo em si mesmo: leitura de “Poética” de Manuel Bandeira. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

- LIMA, Rocha. *Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.). *Manuel Bandeira: verso e reverso*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.
- MARTINS, Wilson. Bandeira e Drummond... In: _____. *Pontos de vista: crítica literária 1954-1955*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. v. 1.
- _____. Manuel Bandeira. In: _____. *A literatura brasileira: o Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1965. v. 6.
- MERQUIOR, José Guilherme. O Modernismo e três dos seus poetas. In: _____. *Crítica 1964-1989: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Serviço de Documentação, 1952.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.
- MORAES, Emanuel de. *Manuel Bandeira: análise e interpretação literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- MOURA, Murilo Marcondes de. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MURICY, Andrade. Manuel Bandeira. In: _____. *A nova literatura brasileira: crítica e antologia*. Porto Alegre: Globo, 1936.
- _____. Manuel Bandeira. In: _____. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1973. v. 2.
- PAES, José Paulo. Bandeira tradutor ou o esquizofrênico incompleto. In: _____. *Armazém literário: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras,

2008.

_____. Pulmões feitos coração. In: _____. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PONTIERO, Giovanni. *Manuel Bandeira: visão geral de sua obra*. Tradução de Terezinha Prado Galante. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ROSENBAUM, Yudith. *Manuel Bandeira: uma poesia da ausência*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SENNA, Homero. Viagem a Pasárgada. In: _____. *República das letras: 20 entrevistas com escritores*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1968.

SILVA, Alberto da Costa e. Lembranças de um encontro. In: _____. *O pardal na janela*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

SILVA, Beatriz Folly e; LESSA, Maria Eduarda de Almeida Vianna. *Inventário do arquivo Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. *Homenagem a Manuel Bandeira: 1986-1988*. Niterói: Sociedade Sousa da Silveira; Rio de Janeiro: Monteiro Aranha/Presença, 1989.

SILVEIRA, Joel. Manuel Bandeira, 13 de março de 1966, em Teresópolis: “Venham ver! A vaca está comendo as flores do Rodriguinho. Não vai sobrar uma. Que beleza!”. In: _____. *A milésima segunda noite da avenida Paulista e outras reportagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILLAÇA, Antonio Carlos. M. B. In: _____. *Encontros*. Rio de Janeiro/Brasília: Editora Brasília, 1974.

_____. Manuel, Manu. In: _____. *Diário de Faxinal do Céu*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

XAVIER, Elódia F. (Org.). *Manuel Bandeira: 1886-1986*. Rio de Janeiro: UFRJ/Antares, 1986.

XAVIER, Jairo José. *Camões e Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Assuntos Culturais, 1973.

ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS

A aranha morde. A graça arranha

A casa era por aqui...

A Dama Branca que eu encontrei,

A doce tarde morre. E tão mansa

A janela estava aberta. Para o quê, não sei, mas o que entrava era o vento dos lupanares, de mistura com o eco que se partia nas curvas cicloidais, e fragmentos do hino da bandeira.

A lua ainda não nasceu.

A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara; o que saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão. Quis puxar o gatilho e não pôde.

A nação elegeu-o seu Presidente

A noite... O silêncio...

A ONDA

A primeira vez que vi Teresa

A proa reta abre no oceano

A tarde agoniza

A tarde cai, por demais

A tua boca ingênua e triste

A vida é um milagre.

A vista incerta,

Aceitar o castigo imerecido,

– Alô, cotovia!

Amanhã que é dia dos mortos

Amei Antônia de maneira insensata.

Amo-te quanto em largo, alto e profundo

Amor – chama, e, depois, fumaça...

Ana – Sant’Ana – principia...

Andorinha lá fora está dizendo:

Anunciaram que você morreu.

Aquela cor de cabelos

Aquele cacto lembrava os gestos desesperados da estatuária:

As estrelas, no céu muito límpido, brilhavam, divinamente distantes.

As rodas rangem na curva dos trilhos

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam, me hipnotizam.

Assim eu queria o meu último poema

Atirei um limão-doce

Atrás destas moitas,

Bão balalão,

Bateram à minha porta,

Beco que cantei num dístico

Beijo pouco, falo menos ainda.

Bélgica dos canais de labor perseverante,

Belo belo belo,

Belo belo minha bela

Bem que filho do Norte,

Bembelelém

Branco, primeiro. De um branco

Buscou no amor o bálsamo da vida,

Café com pão

Cai cai balão

Cara de cobra,

Casa-Grande & Senzala,

Cecília, és libérrima e exata

Chora de manso e no íntimo... Procura

Como em turvas águas de enchente,

D. Janaína

Da América infeliz porção mais doente,

Da outra vida,
Dantes a tua pele sem rugas,
De Ely e Lorita, brandos, nasce a branda
De onde me veio esse tremor de ninho
dever
Ditoso o vegetal, que é apenas sensitivo,
Dizem os lábios
Dorme, dorme, dorme...
Dorme, meu filhinho,
Duas Marias: Cristina
Duas vezes se morre:
Em minha sepultura,
Enfunando os papos,
Entre a turba grosseira e fútil
Entre estas Índias de leste
És grande e bela, como as deusas e as esfinges
És na minha vida como um luminoso
Escudo vermelho nele uma Bandeira
Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo
Escuta o gazal que fiz,
Espanha no coração:
Espelho, amigo verdadeiro,
Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,
Esta manhã tem a tristeza de um crepúsculo.
Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
Estás em tudo que penso,
Estavas bem mudado.
Este fundo de hotel é um fim de mundo!
Estou farto do lirismo comedido
Estranha volta ao lar naquele dia!
Eu estava contigo. Os nossos dominós eram negros, e negras eram as nossas máscaras.
Eu faço versos como quem chora

Eu quero a estrela da manhã

Eu quis um dia, como Schumann, compor

Eu vi os céus! Eu vi os céus!

Eu vi uma rosa

Eunice meiga,

Eurico Alves, poeta baiano,

Excelentíssimo General

Excelentíssimo Prefeito

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.

Fim de tarde.

Fiz tantos versos a Teresinha...

FLABELA

Francisca, Francisca,

Francisca, me dá

Frescura das sereias e do orvalho,

Helena Maria:

Ingênuo enleio de surpresa,

Irene preta

Irmã – que outra expressão, por mais que a tente

Já bica o estorninho a sorva vermelha –

Jacqueline morreu menina.

Jardim da pensãozinha burguesa.

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Joaquim, a vontade do Senhor é às vezes difícil de aceitar.

Louvo o Padre, louvo o Filho,

Mais te amo, ó poesia, quando

Mangue mais Veneza americana do que o Recife

Mar que ouvi sempre cantar murmúrios

Marcus Vinicius

Marinheiro triste

Mas para quê

Meu caro Rui Ribeiro Couto, a mocidade

Meu novo quarto

Meus amigos, meus inimigos,

Mha senhor, com'oje dia son,

Minh'alma estava naquele instante

Minha grande ternura

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade,

Molha em teu pranto de aurora as minhas mãos pálidas.

Morrer.

Muitas vezes a beira-mar

Murmúrio d'água, és tão suave a meus ouvidos...

Na calada

Na feira livre do arrabaldezinho

Na sombra cúmplice do quarto,

Não pairas mais aqui. Sei que distante

Não permita Deus que eu morra

Não posso crer que se conceba

Não sabemos como era a cabeça, que falta,

Não te posso dar flor nem fruto. Folha ou galho,

Nas ondas da praia

No balanço das águas,

No dia 5 de dezembro de 1791 Wolfgang Amadeus Mozart entrou no céu, como um artista de circo, fazendo piruetas extraordinárias sobre um mirabolante cavalo branco.

No ermo da mata o som da trompa ecoa,

No pátio a noite é sem silêncio.

Noite morta.

O arranha-céu sobe no ar puro lavado pela chuva

O córrego é o mesmo,

O homem já estava deitado

O major morreu.

O menino dorme.

O nosso menino

O oficial do registro civil, o coletor de impostos, o mordomo da Santa Casa e o administrador do
cemitério de S. João Batista

O preto no branco,

O que eu adoro em ti,

O que não tenho e desejo

O que tu chamas tua paixão,

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

O relento hiperestesia

O seu olhar varou-me a alma abismada,

O sol é grande. Ó coisas

O sorriso escasso,

O vento varria as folhas,

O violoncelista estava a meio do Concerto de Schumann

Oh Senhor, faze de mim um instrumento da tua paz:

Ondas da praia onde vos vi,

Os aguapés dos aguaçais

Os cavalinhos correndo,

Os meninos carvoeiros

Os poucos versos que aí vão,

Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada

Ovalle, irmãozinho, diz, *du sein de Dieu où tu reposes,*

Paisagens da minha terra,

Pálidas crianças

Para cá, para lá...

Parada do Lucas

Peras amarelas

Poeta sou; pai, pouco; irmão, mais.

Pois meu Deus nasceu para penar,

Por um lado te vejo como um seio murcho

Pousa na minha a tua mão, protonotária.

Provinciano que nunca soube

Quando a Indesejada das gentes chegar

Quando a morte cerrar meus olhos duros
Quando estás vestida,
Quando eu tinha seis anos
Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
Quando minha irmã morreu,
Quando n'alma pesar de tua raça
Quando o enterro passou
Quando o poeta aparece,
Quando olhada de face, era um abril.
Quando ontem adormeci
Quatro horas soaram.
Que delícia na mata o fio d'água
Que é de ti, melancolia?...
Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?
Que silêncio enorme!
– Quem me busca a esta hora tardia?
Querem outros muito dinheiro;
Quero banhar-me nas águas límpidas
Quero beber! cantar asneiras
Raio de sol entre dois límpidos diamantes
Raquel, angélica flor
Recebi o seu telegrama,
Recife
Rosa, ó pura contradição, volúpia
Santa Clara, clareai
Santa Maria Egípcíaca seguia
São três
Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.
Ser como o rio que deflui
Sino de Belém,
Só é meu
Só mesmo um santo

Sonhei ter sonhado

Sou bem-nascido. Menino,

Teresa você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida, inclusive o porquinho-da-índia que me deram quando eu tinha seis anos.

Teu corpo claro e perfeito,

Teu corpo dúbio, irresoluto

Teu nome, voz das sereias,

Teus pés são voluptuosos: é por isso

Torna a meu leito, Colombina!

Tu não estás comigo em momentos escassos:

Tu que penaste tanto e em cujo canto

Tudo quanto é puro e cheira:

Um obelisco monolítico é a verdade nua em praça pública. A nudez dos obeliscos é mais inteira, mais estreme, mais escorreita, mais franca, mais sincera, mais lisa, mais pura, mais ingênua do que a da mulher mais bem-feita.

Uma, duas, três Marias,

Uma noite,

Uma pesada, rude canseira

Uns tomam éter, outros cocaína.

Vamos viver no Nordeste, Anarina.

Vejo mares tranquilos, que repousam,

Vésper caiu cheia de pudor na minha cama

Vi uma estrela tão alta,

Vinha caindo a tarde. Era um poente de agosto.

– Você me conhece?

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.

Vou-me embora pra Pasárgada

SOBRE O AUTOR

Manuel Bandeira nasceu em 19 de abril de 1886, em Recife, e faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de outubro de 1968. Em 1904, doente de tuberculose, abandonou os estudos de arquitetura e começou a se dedicar exclusivamente à literatura. Travou contato e manteve amizade com vários membros da Semana de Arte Moderna, como Mário de Andrade e Ribeiro Couto. Considerado um dos poetas brasileiros de maior influência sobre as novas gerações, foi também professor, jornalista, cronista, ensaísta e, a partir de 1940, membro da Academia Brasileira de Letras.

© **Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira**

Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária (solombra@solombra.org) 1ª Edição Digital, Global Editora, 2020

Jefferson L. Alves – diretor editorial **Gustavo Henrique Tuna** – editor assistente **André Seffrin** – coordenação editorial, estabelecimento de texto, cronologia e bibliografia **Flávio Samuel** – gerente de produção **Julia Passos e Tatiana F. Souza** – assistentes editoriais **Tatiana Y. Tanaka** – revisão **Victor Burton** – capa **Evelyn Rodrigues do Prado** – projeto gráfico **Schaffer Editorial** – produção digital
Capa: Foto de Hélio Santos (Manchete); p. 7: Foto de Sascha Harnisch. Ambas pertencem ao Acervo Pessoal de Manuel Bandeira, ora em guarda no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira/Fundação Casa de Rui Barbosa – RJ.

A Global Editora agradece à Solombra – Agência Literária pela gentil cessão dos direitos de imagem de Manuel Bandeira.

© Herdeiros de Juan Jamón Jiménez

© Acervo Marc e Ida Chagall, Paris

© Éditions Cramer, Genebra

© Éditions Gallimard 1947 e 1968

Todas as iniciativas foram tomadas no sentido de obter autorização para reprodução, o que não foi possível em todos os casos. Caso os autores se manifestem, a editora se dispõe a estabelecer o copyright.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bandeira, Manuel, 1886-1968

Antologia poética [livro eletrônico] : Manuel Bandeira / coordenação editorial André Seffrin. --

1. ed. -- São Paulo : Global Editora, 2020.

1,06 Mb ; ePub

Bibliografia.

ISBN 978-65-5612-027-0

1. Poesia brasileira I. Seffrin, André. II. Título.

20-43862

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Obra atualizada conforme o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

global
editora

Direitos Reservados

global editora e distribuidora ltda.

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999

e-mail: global@globaleditora.com.br

www.globaleditora.com.br



Colabore com a produção científica e cultural.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: **3476.EB**



Manuel Bandeira

Libertinagem

global
BRITISH

Libertinagem

Bandeira, Manuel 9788526020320

128 páginas [Compre agora e leia](#)

Conheça uma das mais famosas obras de Manuel Bandeira: Libertinagem! A liberdade formal é uma das grandes marcas deste livro, publicado em 1930, numa tiragem do autor com quinhentos exemplares. Entre outros, dele consta dois poemas essenciais: "Vou-me embora pra Pasárgada" e "Pneumotórax", que se enraizaram na alma de gerações de leitores e firmaram o nome de Manuel Bandeira entre os nossos maiores poetas. Alguns poemas deste livro foram anteriormente publicados em revistas do movimento modernista de 1922 como Estética, Klaxon e Revista do Brasil. Com efeito, em Libertinagem é possível captar a sedimentação do papel central exercido por Manuel Bandeira nesse movimento que tanta importância teve em nossa literatura.

[Compre agora e leia](#)

Cecília Meireles

ROMANCEIRO DA
INCONFIDÊNCIA



Romanceiro da Inconfidência

Meireles, Cecília 9788526017467

360 páginas [Compre agora e leia](#)

Em *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília associa a verdade histórica com tradições e lendas. Utilizando a técnica ibérica dos romances populares, atenta para os autos do processo, às cartas, aos testamentos, à pintura, às modinhas, às estátuas de profetas de Aleijadinho. A poeta recria com intensa beleza o cotidiano, os conflitos e os anseios daquele grupo de sonhadores. Os romances, reconstituindo a história, compõem o fio narrativo. Os cenários, situando os ambientes, marcam as mudanças de atmosfera e localizam os acontecimentos. As falas, por sua vez, representam uma intervenção de Cecília, que tece comentários e leva o leitor à reflexão sobre os fatos históricos. Esta edição comemorativa traz uma fortuna crítica (ensaios de diversos autores que falam sobre a obra) com textos de Alfredo Bosi, Miguel Sanches Neto, Hélio Pólvora, Paulo Rónai, Darcy Damasceno, Walmir Ayala, Maria da Glória Bordini e Flávio Loureiro Chaves, além de um caderno de fotos de Cecília Meireles em viagem pelas cidades históricas mineiras. Os poemas aqui reunidos – cada qual com vida própria – formam um longo e único poema, lírico e épico ao mesmo tempo em que conta a história de Tiradentes, o mártir da Inconfidência Mineira. Elaborado por meio de uma profunda

pesquisa, a conspiração revolucionária de poetas é recriada com maestria pela imensa poeta Cecília Meireles. A mim, o que mais me doera, se eu fora o tal Tiradentes, era o sentir-me mordido por esse em quem pôs os dentes. Mal-empregado trabalho, na boca dos maldizentes! [...]

(Romance XLVI ou do caixeiro Vicente) [Compre agora e leia](#)



O povo brasileiro

Ribeiro, Darcy 9788526019645

483 páginas [Compre agora e leia](#)

Quem são os brasileiros? Após 30 anos de estudos a respeito de pontos nodais da gênese da sociedade brasileira, Darcy Ribeiro explana, nesta última obra escrita antes de sua morte, suas opiniões e impressões sobre a formação étnica e cultural do povo brasileiro. A luta dos indígenas para manter viva sua cultura, as agruras sofridas pelos povos africanos aqui escravizados, os dramas vivenciados durante o século XX para a constituição da democracia no Brasil foram alguns dos dilemas históricos abordados pelo mestre Darcy em seus livros. A obra "O Povo Brasileiro" configura-se como um ensaio magnânimo de um pensador que expõe, com propriedade e por meio de uma linguagem clara e ao mesmo tempo exuberante, as agonias e os êxitos da formação nacional.

[Compre agora e leia](#)



GILBERTO
FREYRE
CASA-GRANDE
& SENZALA

global

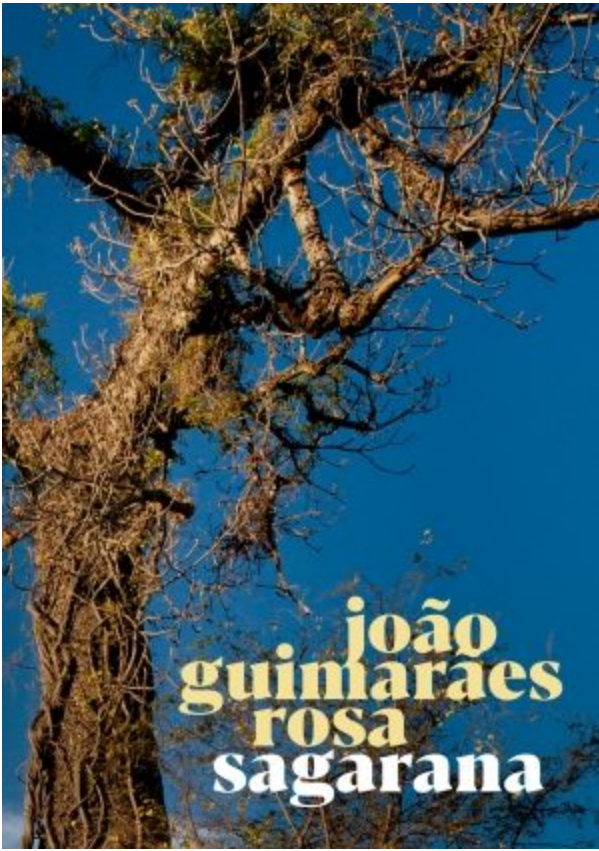
Casa-grande & senzala

Freyre, Gilberto 9788526024618

728 páginas [Compre agora e leia](#)

Casa-grande & Senzala, em 1933, quando teve sua primeira edição publicada, foi mais do que uma redescoberta da nação brasileira, representou uma espécie de fundação do Brasil no plano cultural, como observou Darcy Ribeiro. Valorizando o papel do negro na história brasileira, exaltando a miscigenação racial, desmistificando preconceitos e reconhecendo a originalidade de nossa cultura, Gilberto Freyre revolucionou a historiografia. Passados 80 anos, continua sendo um clássico da nossa literatura, mostrando, com beleza e vigor, a formação do povo brasileiro pela mistura de raças e culturas.

[Compre agora e leia](#)



Sagarana

Rosa, João Guimarães 9788526024823

344 páginas [Compre agora e leia](#)

O livro que marcou a estreia de Guimarães Rosa na literatura brasileira. Sagarana traz cenários e personagens típicos do interior do país, mais especificamente do sertão de Minas Gerais. Morros, riachos, jagunços, vaqueiros, bois e cavalos povoam as páginas das histórias magistralmente construídas por Guimarães Rosa, cuja habilidade para criar enredos e protagonistas diversos e repletos de detalhes encanta leitores até hoje e permanece influenciando gerações e gerações de escritores. A linguagem inventiva de Sagarana é outro aspecto que distinguiria para sempre o autor no campo da literatura brasileira. Ao mesmo tempo em que incorpora fragmentos essenciais da oralidade sertaneja, pescando regionalismos e recuperando antigas expressões de linguagem do sertão, Rosa inova com a criação de neologismos cuidadosamente lapidados. Dentre os nove contos que fazem parte do livro, destacam-se os célebres "A hora e vez de Augusto Matraga", "Conversa de bois" e "O burrinho pedrês". Em que pese as narrativas terem como espaço o ambiente sertanejo, o leitor perceberá que os dilemas apresentados por suas personagens ultrapassam naturalmente a dimensão local, refletindo dramas e vivências que se mostram universais. Esta edição

traz um texto de apresentação de autoria de Walnice Nogueira Galvão, professora emérita de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP) e grande especialista na obra rosiana, além de um texto de autoria de Antonio Candido publicado em O Jornal no ano de lançamento de Sagarana, no qual o eterno mestre da crítica literária brasileira saúda a estreia daquele que viria a ser um de nossos mais destacados escritores. A capa foi concebida pelos designers gráficos Victor Burton e Anderson Junqueira e traz uma foto de autoria de Araquém Alcântara, um dos maiores fotógrafos de natureza do Brasil, tirada em 2012 no município de Jaíba, Minas Gerais.

[Compre agora e leia](#)